

The image features a central dark red banner with white text. Above and below the banner are decorative borders composed of a grid of diamond-shaped images. Each diamond contains a different photograph of a plant, such as a pink flower, a yellow flower, a red flower, and various green leaves and stems. The overall design is clean and modern, with a focus on botanical diversity.

**PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS E GOIÁS
na obra dos naturalistas**

Maria das Graças Lins Brandão

PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS E GOIÁS
NA OBRA DOS NATURALISTAS

Belo Horizonte
Museu de História Natural e Jardim Botânico
Universidade Federal de Minas Gerais
2015

Plantas úteis de Minas Gerais e Goiás – na obra dos naturalistas

Copyright © 2015 por Maria das Graças Lins Brandão

Editoração, arte-final e projeto gráfico
Janaina de Andrade - Ninho de Ideias

Revisão
Teresinha G.L.B. Chaves

Revisão botânica
Juliana de Paula-Souza

Fotos
Maria das Graças Lins Brandão

Impressão
O Lutador

FICHA CATALOGRÁFICA

B817p Brandão, Maria das Graças Lins.
Plantas úteis de Minas Gerais e Goiás : na obra dos naturalistas / Maria das
Graças Lins Brandão. – Belo Horizonte : Museu de História Natural e Jardim
Botânico da UFMG, 2015.

109 f. : il. ; 26,0 cm.

Inclui referências.

ISBN: 978-85-62164-06-4

1. Biodiversidade. 2. Plantas medicinais – Minas Gerais. 3. Plantas
medicinais – Goiás. 4. Naturalistas - Inglaterra. 5. Naturalistas – França. I.
Título.

CDU: 581.6(815.1)

O convite para redigir a apresentação do livro “Plantas úteis de Minas Gerais e Goiás na obra dos naturalistas” de autoria da Dra. Maria das Graças Lins Brandão, da Universidade Federal de Minas Gerais, representou a oportunidade e a satisfação de lê-lo em primeira mão e efetuar alguns comentários.

Nos últimos quatro anos, como participante do Programa REFLORA, em várias ocasiões, tive a oportunidade de encontrar-me com a Dra. Graça. O presente livro, bastante significativo, é parte do resultado de seu projeto “Pesquisa, recuperação e disponibilização de dados, imagens e amostras de espécies úteis coletadas por naturalistas ingleses e franceses em Minas Gerais e Goiás, no século XIX”. Como membro do Comitê Técnico do REFLORA, pude acompanhar durante esse período, o desenvolvimento do projeto e o esforço despendido pela Dra. Graça e sua equipe, na obtenção de informações necessárias, que agora compõem este livro. Para tanto, trabalharam intensivamente no Herbário e Biblioteca do Royal Botanic Gardens de Kew, Inglaterra e no Herbário do Museu de História Natural de Paris, complementando os estudos em instituições brasileiras, especialmente no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

O livro inclui o estudo relativo a 90 espécies nativas de Minas Gerais e Goiás, utilizadas para diversos fins, citadas em obras de 8 naturalistas ingleses e franceses que passaram pelo país durante o século XIX. Embora a maior parte das espécies tenha utilidade como medicinal, outras foram também incluídas, como plantas produtoras de madeira, frutos comestíveis, usadas como ornamentais ou na tinturaria.

A apresentação das espécies é feita em ordem alfabética, e tem como referencial o nome popular da planta. O nome científico, a família a que pertence e outros nomes populares, quando ocorrem, também são destacados. Trechos de textos extraídos das obras citadas enriquecem o trabalho, bem como as fotografias da espécie em campo, nos herbários ou estampadas em ilustrações antigas. Outro detalhe inédito e bastante produtivo são os comentários, retirados por exemplo, da caderneta de campo do naturalista que analisou a espécie, e os dados técnico-científicos, especialmente relacionados com trabalhos recentes nas áreas de fitoquímica ou farmacologia.

Além da elevada qualidade dos dados científicos apresentados e da valiosa pesquisa histórica envolvida, o livro tem um excelente visual que encanta e prende o leitor em cada uma das suas páginas. Certamente, é uma publicação que levará a população a conhecer e valorizar a diversidade vegetal de nosso país e ao conhecimento tradicional a ela associado.

Pela qualidade da pesquisa histórica envolvida e a autenticação dos nomes das espécies em duas das mais expressivas instituições de botânica internacionais, apresentados de forma original e harmoniosa no livro que ora apresento, recomento o mesmo a todos os que desejam ter um maior conhecimento da utilização das plantas nativas do Brasil. Considero que apenas esse produto, já representa uma grande compensação aos investimentos feitos pelo CNPq e pelas outras instituições e empresas participantes do Programa REFLORA.

Belém, julho de 2015

Ana Maria Giulietti-Harley

Instituto Tecnológico Vale de Desenvolvimento Sustentável

Este livro é mais um produto desenvolvido pela equipe do Centro Especializado em Plantas Aromáticas, Medicinais e Tóxicas da Universidade Federal de Minas Gerais (CEPLAMT - UFMG). Nosso principal objetivo é recuperar e divulgar informações históricas e técnico-científicas sobre as plantas úteis nativas do Brasil, que contribuam para sua conservação e melhor aproveitamento. Outro objetivo do grupo é despertar nos jovens brasileiros o interesse pela ciência, especialmente nas disciplinas envolvidas com o tema.

Neste catálogo é descrito parte dos resultados obtidos com a execução de um projeto dentro do Edital REFLORA, financiado pelo Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, e apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais – FAPEMIG. O objetivo do edital foi promover o repatriamento de dados e imagens de plantas coletadas nos séculos passados, e depositadas nos Museu Nacional de História Natural da França (MNHN), em Paris, e no Kew Royal Botanic Gardens (RGB), em Londres. No nosso projeto, foram estudados acervos de naturalistas franceses e ingleses, que percorreram os Estados de Minas Gerais e Goiás no século XIX. Estas informações são importantes porque são primárias, ou seja, foram recolhidas em uma época em que a vegetação nativa era conservada e fitoterapia praticada, quase que exclusivamente, a partir do uso de espécies da biodiversidade brasileira. Durante o projeto, refizemos todos os caminhos percorridos pelo botânico francês Auguste de Saint-Hilaire, em busca de imagens atuais das plantas citadas por ele no livro “Plantas Usuais dos Brasileiros”. Nestas viagens foi possível confirmar a consequência nefasta da degradação ambiental nos dois Estados, tem levado ao desaparecimento de várias espécies medicinais e úteis nativas.

É preciso deixar aqui os agradecimentos ao CNPq e à FAPEMIG pelos recursos disponibilizados, além de todos aqueles que colaboraram diretamente na sua execução, especialmente os Professores Christopher Fagg, Cassia Munhoz e Manoel Claudio Silva-Junior (Universidade de Brasília), Cristiane F.F. Grael, Carlos Víctor e José Elidio (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina). Agradecemos também ao Marc Pignal e Claudia Gonçalves (MNHN, Paris), e Eimear Lughadha e Catia Canteiro (RGB) pelo apoio à coleta de informações para o projeto, bem como Rafaella C. Forzza e toda a equipe do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ). Aos professores Profa. Ana Maria Giulietti-Harley, Mário Neto Borges e Paulo Sergio L. Beirão deixamos agradecimentos especiais pelo apoio ao nosso projeto.

Profa. Maria das Graças Lins Brandão
Coordenadora do CEPLAMT-UFMG

Biodiversidade e plantas úteis de Minas Gerais e Goiás	11
Biotecnologia de plantas medicinais.....	13
Biografia dos naturalistas que compõem este catálogo	16
Dados e imagens das plantas	19
Açoita-cavalo	20
Alcaçuz	21
Alecrim-do-campo.....	22
Algodãozinho-do-campo.....	23
Angico	24
Araticum	25
Arnica	26
Aroeira	27
Árvore-do-papel.....	28
Assa-peixe.....	29
Azedinha	30
Barbatimão	31
Bignonia	32
Buriti	33
Bútua.....	34
Cagaiteira	35
Cainca.....	36
Cajueiro.....	37
Cajuzinho-do-campo	38
Canela-de-ema	39
Capeba	40

Carapiá	41
Caroba.....	42
Carqueja amarga	43
Casca d’anta.....	44
Chá-de-pedestre.....	45
Chichá.....	46
Coco-de-purga	47
Colher-de-vaqueiro	48
Copaíba	49
Douradinha-do-campo.....	50
Drosera	51
Embaúba.....	52
Erva-de-bicho	53
Fedegoso.....	54
Gabiroba	55
Gervão	56
Goiabeira	57
Índigo	58
Ipecacuanha	59
Ipê-roxo.....	60
Japacanga	61
Jarrinha	62
Jatobá.....	63
Lingua-de-tiu.....	64
Lobeira	65
Macaúba	66
Macela-do-campo	67

Malva-do-campo	68	Pinheiro-brasileiro	90
Mangabeira.....	69	Pitangueira.....	91
Maracujá-de-estralo.....	70	Pitombeira	92
Maracujá-grande.....	70	Poaia-do-campo	93
Mate.....	71	Quaresmeira	94
Mulungu	72	Quina-do-campo	95
Murici.....	73	Quina-mineira.....	96
Mutamba	74	Rosa-do-campo	97
Orelha-de-onça.....	75	Sacarrolhas.....	98
Outros Frutos Nativos	76	Salsaparrilha	99
Pacari.....	77	Sambaíba	100
Paineira	78	Sambaibinha.....	101
Paratudo	79	Sucupira-branca.....	102
Pata-de-vaca	80	Sucupira-preta.....	103
Pau-de-leite	81	Tingui	104
Pau-paraiba.....	82	Urucum	105
Pau-paratudo.....	83	Verbasco	106
Pau-pereira	84	Glossário de termos técnicos	107
Pau-santo.....	85	Índice Remissivo.....	109
Pau-terra	86	Referências	122
Pé-de-perdiz	87		
Pequiizeiro	88		
Pimenta-de-macaco	89		

BIODIVERSIDADE E PLANTAS ÚTEIS DE MINAS GERAIS E GOIÁS

Minas Gerais e Goiás já foram Estados muito ricos em plantas medicinais. A vegetação nativa, constituída prioritariamente da Mata Atlântica, cerrado e a caatinga permaneceram inexplorados até o final do século XVII, pois a colonização portuguesa se concentrava no litoral. Muitos povos nativos viviam nessas terras, e o conhecimento que tinham sobre a utilidade da flora foi aos poucos transmitido aos habitantes das áreas rurais. O esgotamento do ouro no século XIX promoveu uma intensificação das práticas agropecuárias, que se estende até hoje sob a forma do agronegócio. Além disto, a industrialização e implantação de grandes projetos como de mineração, siderurgia e celulose, tem também promovido uma contínua degradação da vegetação nativa. Todos esses processos levaram a uma intensa erosão genética e cultural em relação às plantas úteis de Minas Gerais e Goiás e poucas são as pessoas que, de fato, usam as plantas da biodiversidade segundo as tradições do passado. Por outro lado, a Organização Mundial da Saúde vem incentivando ações de recuperação e estudo das plantas nativas das Américas, com histórico de uso tradicional. De fato, somente a partir de validação farmacológica é possível transformar as plantas em produtos de uso eficaz e seguro, permitindo sua inclusão nos sistemas públicos de saúde.

Muitas informações sobre as plantas nativas do Brasil foram registradas por naturalistas que percorreram o país no século XIX. A riqueza do cerrado e o vasto conhecimento tradicional sobre as plantas atraíram vários deles para o interior de Minas Gerais e Goiás. Esses cientistas fizeram observações minuciosas da vida do brasileiro na época, incluindo o uso de plantas medicinais. A contribuição de todos os naturalistas para o conhecimento da flora brasileira é incalculável: centenas de novas plantas foram descobertas e descritas.

Neste catálogo, são apresentados dados e imagens, antigos e atuais, de 90 espécies úteis nativas de Minas Gerais e Goiás. As informações históricas foram extraídas de acervos bibliográficos e botânicos reunidos por 8 naturalistas, depositadas no Museu Nacional de História Natural da França, em Paris e o Jardim Botânico de Kew, em Londres. Destaque deve ser dado aos registros apresentados dos cadernos de coleta dos ingleses George Gardner e William Burchell, até então inéditos. Ao lado das informações históricas, são apresentadas imagens atuais das plantas e sua localização em mapa, além de referências sobre resultados de estudos farmacológicos realizados recentemente com cada planta.

O objetivo principal desta publicação é divulgar informações estratégicas sobre as plantas úteis da biodiversidade brasileira, recolhidas há cerca de 200 anos. Esperamos que o trabalho de fato contribua para a preservação do conhecimento sobre a flora útil nativa do Brasil, promovendo sua conservação e melhor aproveitamento.

“Desse modo, os agricultores terminam na província das Minas o que começaram os homens que iam à cata do ouro, a funesta destruição das matas. A falta de lenha já se faz sentir em algumas vilas que foram provavelmente construídas no seio de florestas, e as minas de ferro, de riquíssimo teor em metal, não podem ser exploradas por falta de combustíveis. Diariamente árvores preciosas caem sem utilidade sob o machado do lavrador imprevidente. É impossível que, no meio de tantos e tão repetidos incêndios, não tenha desaparecido uma série de espécies úteis às artes e à medicina, e, dentro de alguns anos, a Flora que nesse momento acabo de publicar, não será mais, para certas regiões, senão um monumento histórico.”

Auguste de Saint-Hilaire,

Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830.

Desde a década de 70, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a importância das plantas medicinais para o tratamento de várias doenças, mas alerta que esses remédios tradicionais precisam passar por processos biotecnológicos de *validação*. Validar uma planta medicinal significa verificar se ela, de fato, tem o efeito farmacológico proclamado e não é tóxica. Dezenas de plantas medicinais, como capim-santo, babosa, hortelãs, boldo-do-chile, erva-doce e camomila, por exemplo, já foram validadas e são recomendadas para uso como fitoterápico pela OMS e Ministério da Saúde do Brasil. Infelizmente, tanto estas quanto a grande parte das plantas validadas hoje, não são nativas do Brasil; elas são espécies *exóticas*, que vêm sendo introduzidas aqui desde os primeiros tempos da colonização portuguesa. Por outro lado, raras são as plantas brasileiras que já foram estudadas completamente e transformadas em algum tipo de produto. É, portanto, importante e necessário estimular e apoiar os estudos com as nossas plantas e, especialmente pelos cientistas brasileiros.

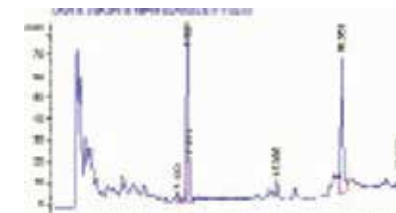
Os métodos usados pelos cientistas para validar uma planta consistem de estudos botânicos, químicos, farmacológicos e toxicológicos:

Estudos botânicos: Começam com a coleta correta da planta e preparação de *exsicata* para *identificação taxonômica* (= definição da família, gênero e espécie). Essa *identificação* é feita pela observação de características próprias de cada espécie, como disposição das folhas no caule, pétalas e sépalas, entre outras características morfológicas. As partes da planta usadas para a preparação dos remédios são também coletadas, desidratadas a baixa temperatura (para que não haja perdas ou degradação dos princípios ativos = p.a.) e trituradas em moinhos, até sua transformação em pó. Sob essa forma, o material passa a ser chamado droga vegetal.



Preparação de exsicata

Cromatografia líquida e em placas



Cromatografia líquida e em placas

Estudos químicos: Os prováveis p.a. das plantas são extraídos da *droga vegetal* com solventes (álcool, por exemplo). Existem vários métodos para se fazer as extrações: um deles é a *percolação*, que consiste em passar pela *droga vegetal* uma sucessão de solventes, que vão arrastar os componentes químicos para fora da célula vegetal. Esses líquidos são depois evaporados a baixa temperatura, até a

obtenção dos **extratos secos**. Para purificar os p.a. é usada a **cromatografia**, processo de separação das substâncias químicas de uma mistura. As estruturas químicas dos p.a. são caracterizadas por meio de **métodos espectroscópicos**, como o ultravioleta, o infravermelho, ressonância magnética nuclear e a espectrometria de massas.



Pulverização do material



Percolação



Evaporação



Extrato-seco

Estudos farmacológicos e toxicológicos: Podem ser efetuados por meio de **testes in vitro**, nos quais os extratos são colocados em contato direto com os agentes causadores de doenças, como vírus, bactérias ou parasitas; ou **in vivo**, nos quais se usam animais de laboratório (cobaias). Para os produtos que apresentam eficácia nesses ensaios e não são tóxicos, são posteriormente desenvolvidas fórmulas farmacêuticas e métodos de controle de qualidade.



Teste in vitro



Teste in vivo

“Se existisse no Brasil maior número de homens instruídos, o governo desse país faria obra de grande utilidade, nomeando em cada província uma comissão que se encarregasse de submeter a exame minucioso todas as plantas de que se utilizam os colonos para aliviar seus males. Por esse meio, poder-se-ia chegar a constituir, para os vegetais, uma matéria médica brasileira, que elucidaria os colonos a respeito de remédios ineficazes ou perigosos, e, ao mesmo tempo, daria a conhecer aos nacionais e estrangeiros grande número de plantas benéficas. Trabalho de tal envergadura não se poderá fazer, sem dúvida, senão daqui a longos anos. Possa ao esperar a que vier, a obra que publiquei sobre as Plantas Usuais do Brasil tomar o lugar, tanto quanto possível, de uma matéria médica mais aprofundada, e provar aos brasileiros o desejo que tenho de lhes demonstrar meu profundo reconhecimento mediante um trabalho que lhes seja útil!”

*Auguste de Saint-Hilaire,
Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830.*

◆◆◆ BIOGRAFIA DOS NATURALISTAS QUE COMPÕEM ESTE CATÁLOGO

A.F.M. Glaziou (1828-1906)

Era francês e estudou botânica no Museu de História Natural de Paris. Em 1858, ele veio para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial e como Inspetor dos Jardins Municipais. Ele tinha estreito vínculo com o imperador Dom Pedro II, que lhe deu autonomia para efetuar reformas paisagísticas no Rio de Janeiro. Glaziou coletou centenas de amostras de plantas em viagens por vários locais do Brasil, tendo descoberto várias novas espécies. Ele permaneceu no Brasil até 1897, quando se aposentou e retornou à França, onde morreu em 1906.



A. de Saint-Hilaire (1779-1853): Naturalista francês que esteve no Brasil entre 1816 e 1822. Percorreu grande parte do centro-sul do país, incluindo os cerrados do Planalto Central. Suas viagens foram publicadas em vasta bibliografia, além de em outras obras específicas sobre as plantas. Seu herbário, contendo plantas coletadas durante as viagens, chegou a ter sete mil espécies, estando depositado no Museu Nacional de História Natural da França, em Paris.

A. D'Orbigny (1802-1875): Botânico e enciclopedista francês, desde cedo se interessou pelo estudo das ciências naturais, influenciado pelo pai que era médico e naturalista amador. Viajou em missão pelo Museu de Paris na América do Sul entre 1826 e 1833, tendo percorrido o Brasil e países vizinhos. Parte de suas descobertas foram publicadas numa obra que foi considerada por Darwin como “um dos grandes monumentos à ciência do século XIX”.



C.J.F. Bunbury (1808-1866): Era mineralogista inglês mas possuía interesse geral em ciências naturais. Esteve no Brasil entre 1833-1835 e descreveu o uso de várias plantas.



Conde de Castelnau (1810-1864): Nasceu em Londres e estudou ciências naturais em Paris. Entre 1843-1847 cruzou a América do Sul, do Peru ao Brasil, seguindo o Amazonas e os sistemas do Rio da Prata. Posteriormente, serviu como cônsul francês na Bahia.



George Gardner (1812-1849)

George Gardner era médico escocês, muito interessado em botânica, que viajou pelo sudeste e nordeste do Brasil. Ele chegou em 1836 e passou quase cinco anos fazendo uma das mais extensas coleções de plantas no país, cerca de 60.000. Aproximadamente 3.000 novas espécies de plantas foram registradas por Gardner durante as expedições. Ele tinha interesse também nas plantas úteis e medicinais e registrou o uso de várias delas. O acervo reunido por este naturalista encontra-se hoje depositado no RBG Kew, em Londres



R. Burton (1821-1890): Foi um grande viajante inglês sendo ele o descobridor da nascente do Rio Nilo. Esteve no Brasil em 1861 quando percorreu de canoa o Rio das Velhas, depois o Rio São Francisco, até o oceano Atlântico. Burton descreveu minuciosos aspectos da vida dos mineiros, inclusive o uso de várias plantas medicinais.

W. J. Burchell (1781-1863)

William Burchell era um explorador Inglês, naturalista, viajante, artista e autor. Ele viajou pelo sudeste, norte e nordeste do Brasil entre 1825 e 1830, quando coletou grande número de espécimes. Ele registrou em seus cadernos de coleta os nomes indígenas de várias plantas, além do uso de algumas espécies. As amostras das plantas e cadernos de coleta estão hoje depositados no RBG Kew, em Londres.



O Rio São Francisco. O café dá admiravelmente; o chá, o mate e o guaraná (Paullinia sorbites), apreciadíssimo no noroeste do Brasil, poderão ser cultivados, com êxito, nos terrenos baixos, quentes e úmidos. O tabaco é dos melhores do Império; a salsaparrilha e o cactus da cochirilha, a bugosa e a haunilha são silvestres. A exploração da madeira é suscetível de amplo desenvolvimento; a arceira, a braúna, a candeia, a peroba, a canela e, de um modo geral, as ótimas madeiras de lei brasileiras, estão aguardando aproveitamento. São abundantes as plantas oleaginosas e fornecedoras de cascas usadas para curtir couros, palhas e fibras, medicamentos e gomas, como jatá-copal, bálsamo do peru, copaíba e assa fétida, e o mesmo pode-se dizer da cera de abelha e da cera de carnaúba, que é transformada em velas no Rio de Janeiro. As tinturas são muitas, de anil ao pau-amarelo, e das madeiras para marcenaria a lista seria grande, começando pelo jacarandá e pelo cedro-brasileiro. Em presença de tão vastas e inexploradas riquezas, aguardando as classes desfavorecidas da Europa, podemos exclamar, com Goethe: "Quem diz que não há coisa alguma para os pobres e os infames, a não ser a miséria e o crime?"

Richard Burton

Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869

As informações encontram-se organizadas da seguinte forma:

NOME POPULAR

Nome científico

Família

Outros nomes populares citados pelos naturalistas

RELATOS DOS NATURALISTAS

São apresentadas informações coletadas por 8 naturalistas ingleses e franceses que percorreram Minas Gerais e Goiás no século XIX.

IMAGENS ATUAIS DAS PLANTAS E SUA LOCALIZAÇÃO NO MAPA (BOLA AZUL)
O TRAÇADO REPRESENTA O TRAJETO PERCORRIDO POR A. SAINT-HILAIRE



IMAGENS ANTIGAS E DE HERBÁRIOS:

Manuscritos:

Cadernos de campo de W. Burchell, G. Gardner e A. de Saint-Hilaire

Herbários:

Museu Nacional de História Natural da França, Paris (MNHN) e Jardim Botânico Real Kew, Londres (RBG)

Bibliografia:

A. Saint-Hilaire, Plantas Usuais dos Brasileiros (1824) e História das Plantas mais notáveis do Brasil e do Paraguai (1824)

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Resultados de pesquisas farmacológicas (extraídos do Pubmed).

AÇOITA-CAVALO

Nome Científico: *Luehea grandiflora* Mart. & Zucc.

Família: MALVACEAE



L. grandiflora, Mariana

“Usa-se a madeira desta árvore para fazer sola de sapato para ir ao brejo e impedir a formação de crostas da pele dos pés. A casca também é usada na curtição de couro”.

A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



MNHN Paris



Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

ALÇAÇUZ

Nome Científico: *Periandra mediterranea* (Vell.) Taub.

Família: FABACEAE - FABOIDEAE



P. mediterranea, Reserva Natural do Caraça

“Entre os produtos naturais conhecidos e utilizados na região temos: a poaia (ipecacuanha) branca e preta, a quina do campo, uma espécie de alçaçuz e o anil, que cresce espontaneamente.”

F. Castelnau
Expedição às regiões centrais da América do Sul, 1850



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Alçaçuz é o nome originalmente atribuído à espécie *Glycyrrhiza glabra*, planta nativa da Europa e que não ocorre no Brasil. A *G. glabra* contém saponinas nas suas raízes, as quais são usadas como edulcorante. Em Minas Gerais, algumas espécies de *Periandra* também são adocicadas e recebem o nome de alçaçuz.

Suttisri e cols. Phytochem. (1993) 34(2): 405-8.

ALECRIM-DO-CAMPO

Nome Científico: *Baccharis dracunculifolia* DC.

Família: ASTERACEAE

“Num trecho de cerca de 12 léguas da região é bastante semelhante à que acabamos de atravessar antes de chegar a São Paulo, vindo de Goiás. As terras ainda se mostram agradavelmente entremeadas de campos e grupos de árvores baixas, onde predominam as Mirtáceas, a Anacardiáceas denominada aroeira (*Schinus*). O *Baccharis*, tão comum vulgarmente chamado alecrim-do-campo, etc. Trechos de considerável extensão mostram-se cobertos pela barba-de-bode (*Chaetaria pallens*, var. *γ*, Nees), gramínea que cresce em tufos e é encontrada em diversos pontos elevados da parte meridional de Minas Gerais.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem à Província de São Paulo, 1830



B. dracunculifolia, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto e excisata coletada por W. Burchell, depositada no RBG, Londres



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O alecrim-do-campo é uma planta melífera e muito visitada pelas abelhas, que dela retiram resinas para a preparação da própolis. Estudos recentes confirmaram sua atividade anti-inflamatória, antinociceptiva, hepatoprotetora e antidiabética em estudos em animais

Hocayen e cols. *Pharm. Biol.* (2015) 21: 19

Rezende e cols. (2014) *Molecules* 19(7): 9257-72

Dos Santos e cols. *J. Ethnopharmacol.* (2010) 127(2):543-50

ALGODÃOZINHO-DO-CAMPO

Nome Científico: *Cochlospermum regium* (Mart. ex Schrank) Pilg.

Família: BIXACEAE

Outro nome popular: Butua-do-curvo

“Os habitantes de Paracatu usam a decocção das raízes dessa planta contra as dores internas, principalmente contra as que se originam de quedas ou de outros acidentes: assegura-se que essa decocção cura os abscessos já formados.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Cochlospermum sp., Paracatu

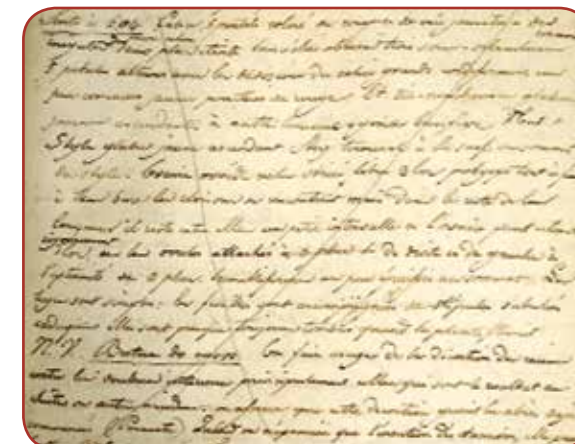


Plantas Usuais dos brasileiros, 1824



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.



Cadernos de campo, “NV Butua do curvo”

ANGICO

Nome Científico: *Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan

Família: FABACEAE – MIMOSOIDEAE

“DE GOIÁS A SALINAS. Usa-se na região a casca do angico para curtir couros; provém ela de uma árvore da mata, pertencente à família das leguminosas, a *Acacia angico*.”

Conde de Castelnau
Expedição das regiões centrais da America do Sul,
1850



À esquerda, *A. colubrina*, Parque Santo Antônio, Andrelândia;
à direita, acima, resina no tronco;
à direita, abaixo, exsicata coletada por W. Burchell depositada no RBG, Londres

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos confirmaram que as cascas e a resina do angico têm efeito cicatrizante e anti-inflamatório, devido à presença de taninos e flavonoides. Estudo recente demonstrou que extratos da planta, quando administrados com antibióticos, são capazes de aumentar a sua eficácia, inclusive contra bactérias resistentes.

Barreto e cols. (2015) Nat. Prod. Res 9:1-4/ Pessoa e cols. (2015) Acta Cir Bras. 30(5): 353-8.
Trenti e col.s. (2013) PLOS 8(6): e66257

ARATICUM

Nome Científico: *Annona* spp.

Família: ANNONACEAE

“Não é apenas por seu fruto que a *Annona sylvatica* pode se tornar útil: a madeira dessa árvore é branca e inteiramente compacta, macia e leve. Seria, pois, muito própria aos trabalhos de escultura e substituiria com vantagem a Tília da Europa. Se, como parece provável, se estabelecessem no Brasil manufaturas indígenas, fariam bem em dar a preferência à madeira da *Annona sylvatica*, para fazer as pranchas de impressão.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



A. sylvatica em Diamantina e Plantas Usuais dos Brasileiros



Exsicata depositada no MNHN, Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os araticuns são ricos em substâncias antioxidantes, que são capazes de prevenir várias doenças. Estudos demonstraram também atividade antibacteriana e citotóxica de substâncias dessas plantas.

Roesler e cols. Cien Tec Alim. (2007) 27(1): 53-60.

Takahashi e cols. Nat Prod Res. (2006) 20(1): 21-26.

ARNICA

Nome Científico: *Lychnophora* spp.

Família: ASTERACEAE

Outro nome popular: Candeia



Lychnophora sp. em Barão de Cocais



“DE SÃO ROMÃO AO DISTRITO DOS DIAMANTES. Depois de duas léguas e meia de viagem, paramos no meio do dia em sítio sombreado, ao pé de um arroio, em frente a um outerinho redondo e coberto de *Lychnophora pinaster*, muito semelhante ao abeto escocês, e de uma grande espécie de lírio.”

G. Gardner

Viagem ao interior do Brasil, 1846

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Arnica é o nome popular atribuído à espécie *Arnica montana*, planta nativa da Europa e que não ocorre no Brasil. A *A. montana* é muito estudada sob o ponto de vista farmacológico e os estudos confirmaram seu efeito no tratamento de equimoses e contusões. No Brasil, outras plantas recebem também o nome popular de arnica, como algumas espécies de *Solidago* e *Lychnophora*. A *Lychnophora pinaster* é uma das arnicas mais usadas na medicina popular em Minas Gerais e estudos vêm confirmando seu efeito como anti-inflamatório tóxico. Infelizmente, a coleta predatória dessas arnicas tem levado ao seu esgotamento e algumas espécies já vem sendo consideradas em perigo de extinção pelo IBAMA.

Abreu e cols. (2013) BMC Complement Altern Med 13: 270

Guzzo e cols. J Ethnopharmacol. (2008) 116(1): 120-4.

AROEIRA

Nome Científico: *Schinus terebinthifolius* Raddi

Família: ANACARDIACEAE

Outros nomes populares: corneiba, tupinico, capicuru



S. terebinthifolius, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



Coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris

“A árvore mais valiosa, a rainha dos cerrados, é a aroeira (*Schinus terebinthifolius* ou *Schinus molle*); sua madeira duríssima, resiste admiravelmente ao tempo e fica muito bonita quando envernizada. As folhas são usadas como, epispásticos, a decocção serve para aliviar o reumatismo e outras enfermidades, e a resina, esfregada em seus cachos de frutas vermelhas, é agradável, mas os habitantes da região a evitam. Dizem que quem dorme à sombra da aroeira apanha tumores nas juntas, e as pessoas muito sensíveis que passam perto da árvore sofrem inchação no rosto- isso aconteceu à esposa de um dos meus amigos de São Paulo*. Ao contrário do que se dá nas terras de matas de verdadeiras, nas regiões da Serra e do Mato Dentro, as árvores têm, em sua maioria, folhas decíduas, e, quando estas caem, o seu aspecto é de desagradável nudez.

* Os índios usavam o suco verde dos ramos novos para moléstias dos olhos.”

R. Burton

Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os óleos essenciais presentes na planta apresentaram efeito antioxidante, fungicida e hepatoprotetora. Outros extratos induziram mutagênese em células normais. Extratos da planta vêm sendo úteis também no tratamento de problemas da cavidade oral, inclusive a prevenção de cáries.

Abdou e cols. Pharmacogn. Mag. (2015) 11:593-5101

Vieira e cols. J. Ethnopharmacol. (2014) 155(3): 1441-9

ÁRVORE-DO-PAPEL

Nome Científico: *Tibouchina papyrus* (Pohl) Toledo

Família: MELASTOMATACEAE-

“Entre as árvores mirradas que brotam no meio das pedras há uma que merece menção e que no lugar é chamada de árvore-do-papel, porque sua casca, inteiramente branca, é composta de várias camadas destacáveis e muito delgadas, que têm a consistência do papel da China.”

A. de Saint-Hilaire
Viagens à Província de Goiás, 1830



T. papyrus em Mossamedes



“ESTADA EM GOIÁS. Foi ali que vi pela primeira vez a curiosa melastomácea que no país denominaram pau-papel (*Lasiandra papyrifera*, St. Hilaire), pela notável propriedade que tem, a casca de se deixar dividir numa infinidade de lâminas papiráceas, muito alvas, mas sem nenhuma aplicação útil.”

Conde de Castelnau,
Expedições às Regiões Centrais da América do Sul,
1850.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não existem dados técnico-científicos sobre esta planta.

ASSA-PEIXE

Nome Científico: *Vernonanthura polyanthes* (Spreng.)

Vega & Dematt.

Família: ASTERACEAE

“A vassoura (*Sida lanceolata*) que produz álcalis e se parece com a tasneira, é muito usada como emoliente, em infusão ou decocção; o assa-peixe branco, uma das Compostas, tem efeito semelhante ao da camomila; o aromático velame-do-campo (*Croton fulvus* ou *C. campestris*) é um sudorífero e dissolvente conhecido de todos. Entre os arbustos, há muitas espécies selvagens de ipecacunha chamada poia (*Cephaelis ipecacuanha*); a labiada chamada, em virtude de sua forma, cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia* Mart.), um poderoso narcótico; a Composta carqueja (*Baccharis, Nardum rusticum*, Mart.), de folhas triangulares alongadas e bagas esbranquiçadas nos ângulos, tônico amargo, aromático e antifebril, muito usado na fabricação da cerveja teuto-brasileira.”

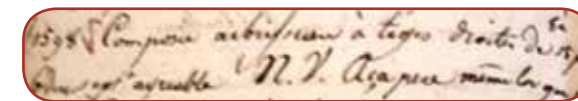
R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



V. polyanthes, Corinto



Cadernos de campo,
“NV Açapece”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito anti-inflamatório, antimicrobiano e antiúlcera gástrica em testes em animais.

Temponi e cols. (2012) Int J Mol Sci. 13(3) 3887-99 / Silva e cols. Nat. Prod. Res. (2012) 26(16): 1510-4

Barbastefano e cols. Fitoterapia (2007) 78: 545-551.

AZEDINHA

Nome Científico: *Oxalis cordata* A. St.-Hil.

Família: OXALIDACEAE

Outros nomes populares: frero, trevo

“Todo mundo sabe que as folhas de um grande número de *Oxalis* são dotadas de uma acidez da qual a medicina pode tirar partido. Essa qualidade não escapou aos brasileiros, pois eles empregam com razão o *Oxalis* nas febres atáxicas (malenas). Sente-se que é impossível que as numerosas espécies que crescem no Brasil não tenham sido confundidas; que, apresentando as mesmas virtudes, estas não tenham sido aplicadas indiferentemente aos mesmos usos, e que, conseqüentemente, o nome vulgar Azedinha, que deve significar justamente pequena planta ácida, não tenha se tornado uma espécie de nome genérico. Nós nos contentaremos em descrever aqui três espécies, o *Oxalis repens* que é particularmente empregado no distrito dos Diamantes, não somente com o nome de Azedinha, mas ainda com o nome de Frero (trevo); o *Oxalis fulva*, cujas folhas são de uma extrema acidez; enfim, o *Oxalis cordata*, no qual não tentamos pesquisar essa qualidade, mas que interessará aos botânicos pela forma particular de suas folhas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos brasileiros, 1824



O. cordata, Curvelo



Amostra-tipo, coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris



Desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não existem dados técnico-científicos sobre esta planta.

BARBATIMÃO

Nome Científico: *Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville

Família: FABACEAE - MIMOSOIDEAE

Outro nome popular: barba-de-timão

“Os cerrados consistem de árvores de uns 3 a 6 metros de altura, parecidas com nossas aveleiras e macieiras, e com as oliveiras do sul da Europa, e são, em geral, acácias e outras leguminosas. Tais são, por exemplo, o jacarandá-do-campo, uma Mimosácea, cuja madeira não é muito apreciada; a sucupira (*Bowdichia major*), madeira muito reta e dura, usada para eixos de roda; o angico (*Acacia angico*), que produz cachu, e o barbatimão ou barba-de-timão (*Acacia adstringens*, Velloso) de pequenas folhas, cuja casca é adstringente e rica em ácido tânico, e cujas folhas servem de alimento à cantárida.”

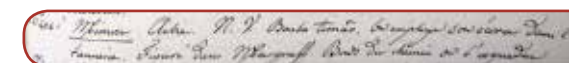
R. Burton,
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



S. adstringens, Casa Grande



Amostra coletada por Glaziou e depositada no MNHN em Paris e cascas comercializadas em Três Corações.



Cadernos de campo, “NV Barba timão”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos com as cascas confirmaram suas ações como fungicida e cicatrizante. Esses efeitos são devidos à presença de taninos em elevada concentração.

Pinto e cols. Planta Med (2015) 28: 12-14

Pereira e cols. Planta Med (2011) 77(4): 401-4.

Ishida e cols. J AntimicrobChemother. (2006) 58(5): 942-949.

BIGNONIA

Nome Científico: *Pyrostegia venusta* (Ker Gawl.)

Miers

Sinônimo: *Bignonia venusta* Ker Gawl.

Família: BIGNONIACEAE

Outro nome popular: cipó-de-são-joão

“A Serra de Ouro Branco, uma comprida montanha retilínea de considerável altura, com uma face muito íngreme, erguia-se diante de nós, formando um ponto de destaque no panorama: a aldeia do mesmo nome fica situada perto do pé da montanha, na região descampada, 3.224 pés franceses acima do nível do mar (mapa de Von Eschwege). Um estreito vale coberto de mato, correndo ao longo do pé da serra, a separa da planície e em muitos pontos o mato vai até bem alto na encosta da montanha, mas é baixo comparado com as florestas da costa. Uma linda Bignonia (*Bignonia venusta*) que depois verifiquei ser muito comum na região das minas, nasce abundantemente nestas matas, subindo por cima dos arbustos e árvores baixas e ornando-as com suntuosos molhos de flores cor de laranja, muito viva.”

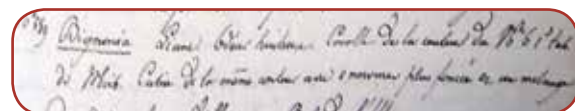
C.J.F. Bunbury
Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835



P. venusta, Reserva Natural do Caraça



Exsicata coletada por G. Gardner e depositada no RBG, Londres



Cadernos de coleta de A. de Saint-Hilaire “Bignonia”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O efeito da planta no tratamento do vitiligo foi confirmados em estudo em animais. A planta também apresenta efeito fungicida e antioxidante. Moreira e cols. J Ethnopharm (2015) 168: 315-325
Pereira e cols. ChemBiol Interact. (2014) 224C: 136-141

BURITI

Nome Científico: *Mauritia flexuosa* L.f.

Sinônimo: *Mauritia vinifera* Mart.

Família: ARECACEAE

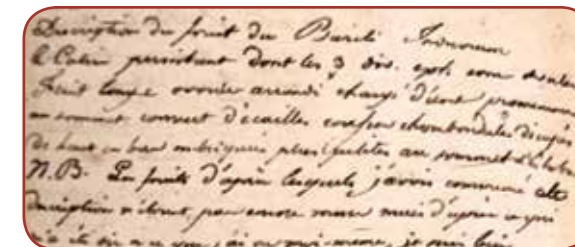
Outros nomes populares: murici, palmeira-buriti, bority, bruti, muricky

“DO RIO SÃO FRANCISCO AO RIO PARANAÍBA. A 16, fizemos uma marcha ainda mais longa do que na véspera. Encontramos neste dia a bela palmeira buriti (*Mauritia vinifera*), cujas folhas, semelhantes a um vasto leque, têm muitas vezes 3 metros de diâmetro. Os pecíolos destas folhas servem, entre os habitantes, para fazer rolhas. A viagem deste dia foi mais fatigante para nós do que as outras, por termos encontrado muitos atoleiros cobertos de mato, nos quais afundavam os cavalos, com tanto risco para eles, como para nós próprios. Esses pequenos acidentes fizeram os nossos animais tão medrosos, que só a custa das esporas era possível fazê-los andar para a frente. Nas partes mais altas da estrada, que aliás é bastante plana, vêem-se gangas, que repousam provavelmente sobre grés itacolumítico. A direção geral da estrada é primeiro para oeste e depois para sudoeste.”

F. Castelnau
Expedição às regiões centrais
da América do Sul, 1850



M. flexuosa, Itacarambi



Cadernos de coleta de A. de Saint-Hilaire, descrição do fruto do Buriti

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

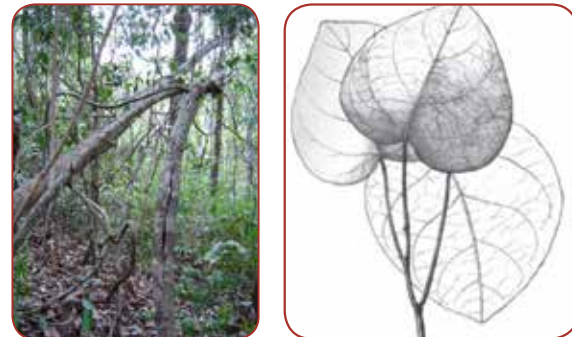
Os frutos apresentaram atividade antimicrobiana contra *Staphylococcus aureus*. O óleo obtido do coco vem sendo estudado para verificar seu potencial na proteção contra raios UV e utilidade para a preparação de cosméticos, pois ele é rico em vitamina A. Zanatta e cols. Food and Chem Toxicol. (2010) 48: 70-75.
Silveira e cols. Rev Bras Farmacog. (2005) 15(2): 143-148.

BÚTUA

Nome científico: *Chondrodendron platiphyllum* (A. St.-Hil.) Miers

Família: MENISPERMACEAE

Outros nomes populares: butua, caapeba.



C. platiphyllum, Serro e Plantas Usuais dos Brasileiros



“Essa planta é empregada pelos brasileiros no tratamento das febres intermitentes; eles a consideram também como um poderoso medicamento específico contra as doenças do fígado. Suas virtudes, assim como as do *Cocculus cinerascens* Aug. St.-Hil., que recebe o nome vulgar de Butua, são extremamente louvadas no Brasil, e parece que isso se deve aos princípios amargos e tônicos que esses vegetais encerram. Propriedades análogas já foram assinaladas nas raízes do *Cocculus palmatus* DC. (o columbo das matérias médicas), dos *Cissampelos ovalifolia* DC. e na pareira Linn. (a pareira brava das matérias médicas), e nas raízes de várias outras plantas da família das Menispermáceas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos em animais mostrou o potencial de extratos da planta em impedir a evolução de úlceras gástricas. As raízes apresentaram atividade anti-inflamatória.

Amresh e cols. *Nutrit Res.* (2007) 27: 625-632.
Amresh e cols. *J Ethnopharmacol.* (2007) 110: 526-531.

CAGAITEIRA

Nome Científico: *Eugenia dysenterica* (Mart.) DC.

Família: MYRTACEAE

“Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira. Além dessas, notei sambaíba (*Curatella sambaíba*), também escrita “sambaúba” de frutos desvaliosos, folhas duras, usadas para escovar panos e uma casca adstringente, boa para curtume e para tratamento de feridas; produz o efeito do iodo, curando inflamações crônicas. Outra árvore comum é a cagaiteira (*Eugenia dysenterica*), um nome bem deselegante, mas uma bela planta, com flores alvas e folha que produz leite; o fruto, semelhante a um morango; a cagaita, é um purgativo muito forte.”

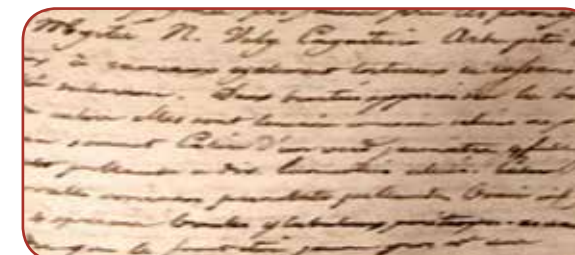
R. Burton
Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869



E. dysenterica, Curvelo



MNHN Paris



Cadernos de coleta de A. de Saint-Hilaire, “NV Cagaiteira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A cagaita é muito rica em vitamina A. As folhas apresentam efeito antioxidante, antifúngica e antidiarreicas.

Galheigo e cols. *Nat Prod Res* (2015) 7: 1-4
Roesler e cols. *Cien Tec Alim* (2007) 27(1): 53-60.

CAINCA

Nome Científico: *Chiococca alba* (L.) Hitchc.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: raiz-preta, cipó-cruz, raiz-fedorenta, cruzadinha

“Essas raízes são purgativas. Um tipo desta planta é perigoso e deve ser administrado com grande precaução.”

A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



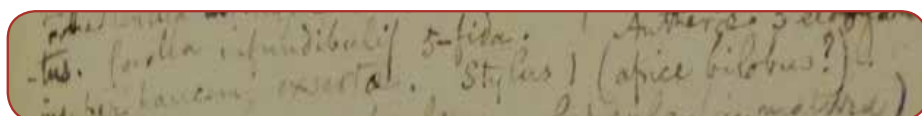
Chiococca sp., Catas Altas



Amostra coletada em Curvelo; à direita, MNHN Paris



Citação da planta no caderno de coleta de W. Burchell



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou o potencial da planta em prevenir cáries.
Silva e cols. J Appl Oral Sci (2014) 22(2): 91-7

CAJUEIRO

Nome Científico: *Anacardium occidentale* L.

Família: ANACARDIACEAE

Outros nomes populares: acaju, caju

“O caju ou cajueiro (*Anacardium occidentale*) cresce em estado silvestre em muitos lugares secos e descampados, e em algumas das ilhas da baía. Não posso compreender porque Saint-Hilaire não quis admitir que esta árvore fosse originária do Brasil. Ela foi notada pelos primeiros colonos europeus nesta costa e era bem conhecida dos aborígenes, que preparavam uma bebida inebriante de seus frutos. Isto parece uma prova assaz evidente de que era indígena.

O cajueiro, segundo Southey, foi observado nas costas do Brasil pelos primeiros colonos europeus, e era bem conhecido dos primitivos habitantes, que de sua fruta preparavam uma bebida inebriante. Isto parece mostrar bem claramente que ele era indígena.”

C.J.F. Bunburry

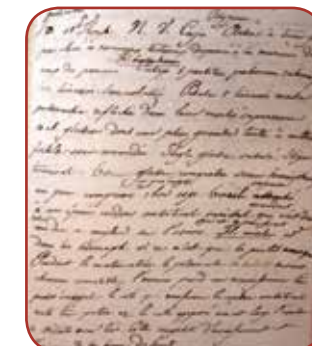
Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



A. occidentale, Brasília de Minas



Cidade de Goiás



Cadernos de coleta de A. Saint-Hilaire “N.V. Caju”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas do tronco do cajueiro são ricas em taninos, substâncias anti-inflamatórias e cicatrizantes. Estudo recente mostrou atividade gastroprotetora da planta.

Carvalho e cols. (2015) Drug Dev Res 76(3): 143-51

Green e cols. Eur J Med Chem. (2008) 43(6): 1315-1320.

CAJUZINHO-DO-CAMPO

Nome Científico: *Anacardium humile* A. St.-Hil.

Família: ANACARDIACEAE

“É claro que a descrição anterior é a de um cerrado. As espécies o identificam: o barbatimão é *Stryphodendron barbadetiam* (Leguminosa); o pequi é *Caryocar brasiliensis* (Cariocaráce); a sambaíba ou lixeira é *Curatella americana* (Dileniáce); a cagaiteira (*Eugenia dysenterica*) é da família das Mirtáceas; a salsaparrilha é um *Smilax* (Esmilacáce). Pataror grão-de-galo, não sei que espécies são. Tingui deve ser *Magonia pubescens* (Leguminosa) e sucupira é *Bowdichia virgilioides* (Leguminosa). Quanto ao caju mais freqüente nesse tipo de vegetação, trata-se de *Anacardium pumilum* que não é uma árvore (caju-do-campo). Enumerei, entretanto, arbóreo (*Anacardium occidentale*) em certos tabuleiros do Nordeste.”

R. Burton

Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869



A. humile, Lassance



Amostra coletada por Glaziou e depositada no MNHN, Paris



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos das folhas da planta apresentaram atividade como protetor gástrico e antidiabético em animais
Bonacorsi e cols. Evid Based Complement Alternat Med (2013) 851621
Urzêda e cols. Evid Based Complement Alternat Med (2013) 191080

CANELA-DE-EMA

Nome Científico: *Vellozia* spp.

Família: VELLOZIACEAE

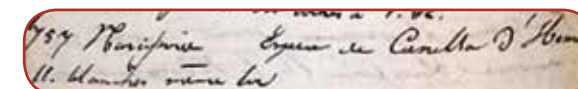
“Enquanto subia a Serra do Ouro Branco, que é excessivamente íngreme desse lado, vi pela primeira vez aquelas curiosas plantas chamadas Vellozias, que parecem pertencer particularmente a essa espécie de rocha; suas hastes ásperas e escamosas, com três a cinco pés de altura, são repetidamente bifurcadas e cada galho é terminado por um tufo de folhas pontudas e retas, muito parecidas com as Yucca ou Adam’s Needle (*Yucca filamentosa*). Aliás a aparência geral desta planta é a da mandioca, com uma haste bifurcada. Nunca as vi em florescência. (...) Do alto tive uma vista ampla sobre os campos que tinha atravessado durante a semana passada, mas na direção oposta a vista é muito mais limitada, não se vendo senão imensas colinas verdes, através das quais se estende o nosso caminho para Vila Rica.”

C.J.F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



Acima, *Vellozia* sp., Serra de Catas Altas; à esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo de A. de Saint-Hilaire, “Canella d’ Hema”



Cadernos de coleta de A. Saint- Hilaire “Canella-de-ema”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

CAPEBA

Nomes Científicos: *Piper umbellatum* L.

Família: PIPERACEAE

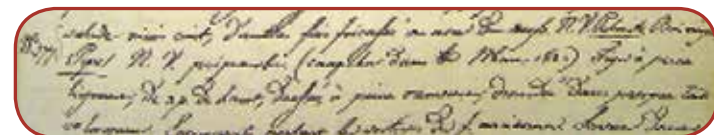
Outros nomes populares: pariparoba, caapeba, periparoba

“As matas conservaram-se muito espessas e exuberantes em todo o percurso até o Paraíba, e viajando-se através delas ouve-se às vezes o palrar dos papagaios e o alto canto metálico das arapongas. A Caapeba, uma pimenteira arbustiforme* com folhas redondas extraordinariamente grandes, é muito comum em todo esse trecho da floresta. **Piper umbellatum* L.”

C. J. F. Bunbury
Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835



P. umbellata, MHNJB-UFMG, Belo Horizonte



Cadernos de campo, “N.V. pariparoba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos confirmaram a ação citotóxica, antioxidante, antitumoral, antimicrobiana, anti-inflamatória, analgésica e protetora solar de extratos da planta.

Sponchiado e cols. Indian J Dent Res (2014) 25(1): 64-8.

Sacoman e cols. Braz J Med Biol Res (2008) 41(5): 411-5.

Perazzo e cols. J Ethnopharmacol. (2005) 99(2): 215-20.

CARAPIÁ

Nome Científico: *Dorstenia* spp.

Família: MORACEAE

Outros nomes populares: caapiá, caá-piá-de-pisão, contra-erva, caiapiá, piã

“Em sua maior parte, os arbustos e plantas menores são medicinais, e o povo está bem a par de sua utilidade. Além da *Cinchona* há o carapiá*, muito bom para as dores no peito, que perfuma o ar, do mesmo modo que o saudável alecrim-do-campo (*Lantana microphylla*, Mart.), uma labiada.”

*Corruptela de caa-pia ou piã (coração, fígado), uma Morácea.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho,
1869



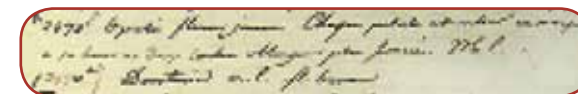
Dorstenia sp., Francisco Badaró



Raízes comercializadas



Amostra coletada por Gardner e depositada no MNHN, Paris



Cadernos de coleta de A. Saint - Hilaire, “Dorstenia”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados resultados de pesquisas farmacológicas recentes sobre esta planta.

CAROBA

Nome Científico: *Jacaranda caroba* (Vell.) DC.

Família: BIGNONIACEAE

“A planta inteira é usada para tratar doenças venéreas.”

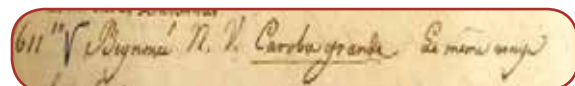
A. de Saint-Hilaire (cadernos de coleta)



J. caroba, Reserva Natural do Caraça



Amostra coletada por Glasiou, MNHN Paris



Cadernos de coleta de A. Saint Hilaire: “N.V. Caroba grande” e “N.V. Caroba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo mostrou que a planta é capaz de inibir desordens neurodegenerativas
Ferreres e cols. Food Chem Toxicol (2013) 57: 91-8

CARQUEJA-AMARGA

Nomes Científicos: *Baccharis crisper* Spreng

Sinônimo: *Baccharis genistelloides* (Lam.) Pers.

Família: ASTERACEAE

Outros nomes populares: carqueja-amargosa,
quina-de-condaime

“A *Baccharis trimera*, de De Candolle, (*B. genistelloides*, de muitos autores), é uma planta muito comum ao lado dos caminhos através de toda a região florestal, e igualmente assim nas colinas descampadas no distrito das minas de ouro, especialmente em volta de Gongo Soco. Seu aspecto é muito singular; não tem folhas, porém, o caule e os galhos são orlados em todo o seu comprimento com três largos e chatos desabrochamentos ou asas, da contextura e cor de folhas. É excessivamente amarga, e muito usada em medicina (especialmente como remédio para cavalos) pelos brasileiros, que a chamam de Carqueja.”

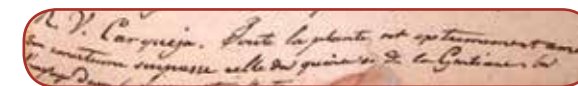
C.J.F. Bunburry
Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais,
1833-1835



B. trimera, Itambé do Mato Dentro



Coletada por
A. de Saint Hilaire,
MNHN Paris



Cadernos de coleta de A. Saint Hilaire, “N.V. Carqueja”. Toda a planta é extremamente amarga, e ultrapassa a quina de Genciana. Empregam-se contra as febres intermitentes.



Citação da planta no caderno de coleta de W. Burchell “Carqueja brava”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A carqueja tem sido objeto de inúmeros estudos recentes que confirmaram seu efeito como antiinflamatória, protetora gástrica e hepática.

Pádua e cols. Mediators Inflamm (2014) 196598

Oliveira e cols. Curr Pharm Biotechnol (2013) 14(11): 975-84

Oliveira e cols. Molecules (2012) 23:17(1): 1113-23

CASCA D'ANTA

Nome Científico: *Drimys brasiliensis* Miersi

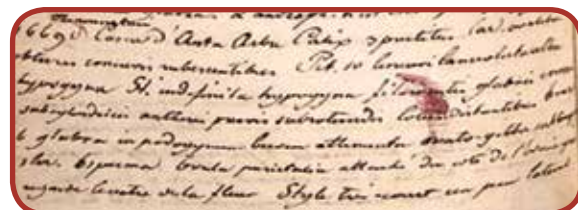
Sinônimo: *Drimys granatensis* Mutis ex L. f.

Família: WINTERACEAE

Outro nome popular: Casca-de-anta



D. winteri, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



Cadernos de coleta de A. Saint-Hilaire, "Casca d'Anta"



À esquerda, amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; à direita, Plantas Usuaris dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém um sesquiterpeno chamado poligodial, cujos efeitos como anti-inflamatório, antialérgico e analgésico foram confirmados.

Cunha e cols. Life Sci. (2001) 70(2): 159-169.

Mendes e cols. J. Pharm Exper Ther. (2000) 292(1): 164-172

CHÁ-DE-PEDESTRE

Nome Científico: *Lippia* spp.

Família: VERBENACEAE

Outros nomes populares: chá-de-frade, chá-falso, capitão-do-mato, camará

“Não deixei Tapanhuacanga sem ir herborizar nas montanhas denominadas Serra da Candonga que dominam a povoação pelo lado de oeste. Após atravessar o pequeno vale em que corre o Riacho do Arraial de Baixo, transpus uma capoeira muito cerrada, depois penetrei em uma mata virgem e cheguei as montanhas onde grandes rochedos quartzosos se mostram a descoberto. Encontrei aí Melastomáceas e várias espécies de Utriculária sem folhas; a planta, porém, que mais merecia minha atenção era uma camará (*Lantana pseudo-thea*, N.), que se conhece no local pelo nome de capitão-do-mato ou chá-de-pedestre. Essa espécie, muito aromática, tem folhas viscosas; secam-se estas, e seu decocto fornece uma bebida extremamente agradável que eu preferia ao chá e que, com um sabor muito mais pronunciado, não tinha, sem dúvida, os mesmos inconvenientes.”

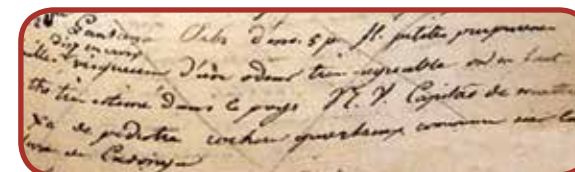
A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Diamantina



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Cadernos de coleta de A. Saint-Hilaire, "NV Capitão do mato"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Espécies de *Lippia* são muito ricas em óleos essenciais que desencadeiam várias atividades farmacológicas. Mas as espécies que ocorrem na região de Diamantina em Minas Gerais nunca foram estudadas.

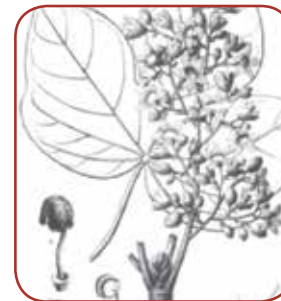
CHICHÁ

Nome Científico: *Sterculia apetala* (Jacq.) H.Karst.

Família: MALVACEAE



S. apetala, Mossâmedes



Plantas Usuais dos Brasileiros



“Os habitantes da região onde cresce o Chichá comem as sementes que têm um sabor agradável. Constitui ainda um desses inúmeros vegetais que, sem cultura, fornecem aos brasileiros do interior frutos comestíveis, e é muito provável que, com alguns cuidados, esses frutos tornar-se-ão ainda melhores. Não podemos, pois, impedir-nos de aconselhar aos habitantes do litoral que introduzam em suas casas o Chichá; ele ornamentará seus jardins pela sua beleza e seus frutos aumentarão seus prazeres.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos com a planta.

COCO-DE-PURGA

Nome Científico: *Joannesia princeps* Vell.

Família: EUPHORBIACEAE

Outros nomes populares: andaiçu, purga-dos-paulistas, fruta-de-arara, anda-açú, indaiçu, purga-de-gentio, cutieira, andaaçu, anda, indaiá-açu

“Sabe-se que as plantas da família das Euforbiáceas, à qual pertence a *Anda*, possuem geralmente propriedades purgativas, mais ou menos energizantes; que essas propriedades são distribuídas em graus diversos nas diversas partes do vegetal, e parecem mais comumente concentradas no embrião. (...) e esta propriedade, da qual os brasileiros tiram partido, parece ser conhecida deles desde tempos imemoriais. (...) Realmente, uma ou duas dessas sementes, comidas cruas, determinam a purgação, e algumas vezes também os vômitos.”

A de Saint-Hilaire,
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



J. princeps, MHNJB - UFMG, Belo Horizonte



Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O coco contém um óleo que produz intenso efeito purgante. Não deve ser usado. Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes com a planta.



COLHER-DE-VAQUEIRO

Nome Científico: *Salvertia convallariodora* A. St-Hil.

Família: VOCHYSIACEAE

Outros nomes populares: pau-de-arara, folha larga

“Observei, desde a descida da Serra, que as árvores eram bem diferentes das que até então havíamos encontrado, assemelhando-se muito mais às do sertão do Piauí: eram a çambaíba (*Curatela cambaiba*, St Hilaire), a folha larga (*Salvertia convallariodora*, St Hilaire) duas espécies arbóreas de bignonia, com flores amarelas, e a sucupira (*Commilobium polygalaeflorum*, Benth), além de uma bela Gerascanthus, produzindo grandes panículas de flores brancas, uma paineira (*Bombax*) e uma *Rhopala*, de folha simples.”

George Gardner
Viagem ao interior do Brasil, 1846



S. convallariodora, Lassance



Amostras-tipo coletadas por A. de Saint Hilaire, MNHN Paris.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos com a planta.

COPAÍBA

Nome Científico: *Copaifera* spp.

Família: FABACEAE - CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: copaíba, pau-de-óleo, pau d'óleo.

“Já falei das riquezas minerais do Brasil, de suas lavras de ouro e diamantes. O reino vegetal não é menos rico. Vimos quantas espécies novas existem nas profundezas de suas florestas virgens, onde o homem só penetra com dificuldade, e onde tão brilhantes coletas ainda estão ao alcance dos botânicos; madeiras de construção, de carpintaria, de marcenaria e de tintura; árvores que fornecem um licor agradável; as que dão a goma elástica, o bálsamo de copaú, a goma elemi; o pau-brasil, a casca de tabauga e de sapucaia; três espécies de quina, palmeiras sem conta, salsaparrilha, ipecacuanha, mamona e outras plantas medicinais; a cana de açúcar, o café, o algodão, o anil, o tabaco, a vinha, a oliveira, a figueira.”

A. D'Orbgni
Viagem pitoresca
através do Brasil, 1836



Coleta do bálsamo de *C. langsdorffii* em Itabira



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem mais de 20 espécies de copaíbas no Brasil, especialmente na região amazônica. A *C. langsdorffii* ocorre em Minas Gerais. Diversos estudos confirmaram os efeitos anti-inflamatórios, antitumorais e bactericidas dos bálsamos extraídos dessas plantas.

Furtado e cols. Biomed Res Int (2015): 913152 / Estevão e cols. Acta Cir Bras (2013): 28(12) 863-9.
Santos-Júnior e cols. J Nat Med. (2010) 64(2):231-8.

DOURADINHA-DO-CAMPO

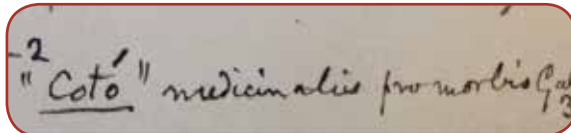
Nome Científico: *Palicourea rigida* Kunth

Família: RUBIACEAE

Outro nome popular: gritadeira, cotó

“Diurética, pode curar boubas e eliminar toxinas da urina. As folhas em decoção tem bom efeito na hidropsia”.

A de saint-Hilaire (cadernos de coleta)



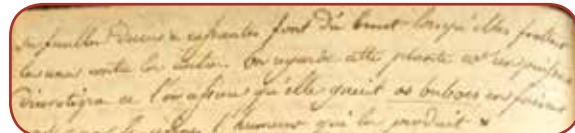
Citação da planta no caderno de coleta de W. Burchell



P. rigida, Curvelo



MNH Paris



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire: “...se emprega esta planta como diurética...”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

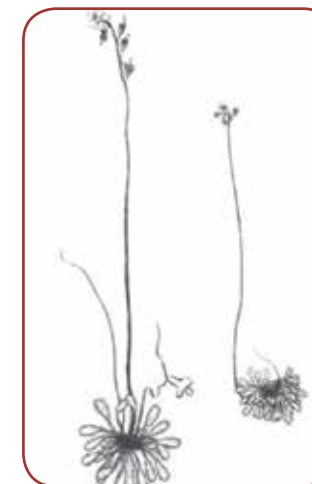
DROSERA

Nome Científico: *Drosera* spp.

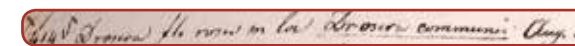
Família: DROSERACEAE

“EXCURSÃO À ERMIDA DE NOSSA SENHORA MÃE DOS HOMENS. “Dois dias depois, galgamos uma das altas montanhas que rodeiam essa planície. À medida que subíamos, a vegetação que se tornava menos vigorosa e mais variada, e vimo-la mudar constantemente, conforme a altura. Encontrei, entre outras, algumas plantas da família da ericáceas; várias umbelíferas de folhas simples; grande número de Eriocaulons; duas ou três espécies de Vellozia; uma surpreendente variedade de melastomatóceas de folhas pequenas; uma soberba Utriculária de flores róseas quase do tamanho das do *Antirrhinum majus*; uma Apocinácea de corolas quase tão grandes como as do *Nerium oleander*; uma *Drosera* de folhas lineares, que cresce em um lugar bastante seco, bem no alto da montanha (*Drosera graminifolia*, Aug. de Saint-Hil.); devi, finalmente, ao Sr. Langsdorff uma *Sauvagesia* de caules lenhosos, folhas semelhantes às das urzes, e cujos ramos delicados acima terminam por um pequeno ramalhete de flores róseas (*Lavradia ericoides*, Aug. de Saint-Hil.)”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Acima, *Drosera* sp.,
Reserva Natural
do Caraça;
ao lado, Plantas
Usuais dos Brasileiros



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire “Drosera”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

EMBAÚBA

Nome Científico: *Cecropia pachystachia* Trécul.

Família: URTICACEAE

Outros nomes populares: Imbaúba, ambaúva, ambaitinga, umbaúba, embira, imbaíba, árvore-da-preguiça

“A árvore-da-preguiça, é assim chamada porque aquele animal sobe nela, especialmente à noite, para comer os brotos e as folhas novas, até deixá-la como um esqueleto. Essa Morácea é chamada pelos Tupis de “umbaúba” ou “umbahuba”, também escrita “ambabam”, “ambaíba”, “imbaíba” e muitas outras formas, mas não “embeaporba” como faz Mr. Walsh. Mr. Hinchcliff (Esboços Americanos, cap.Xii) a chamam de “sumambaia”, que desigan um Filix. Os selvagens fazem diferença entre a *Cecropia palmata* e a *Cecropia peltata*, especificando a última como “ambaitinga”, ou “a branca”, porque suas folhas velhas são cobertas por uma lanugem esbranquiçada, frequentemente voltadas pra cima, como se tivessem sido alvejadas, e mancham de branco a copa da árvore. A folhagem nova é conhecida por sua brilhante cor vermelha, que concorre muito para a sua beleza. Os brasileiros também separam duas espécies: a roxa e a branca.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



Cecropia sp., estrada entre Caeté e Sabará



Amostra-tipo, MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *C. pachystachia* apresentou efeito antidepressivo e antiinflamatório em estudos recentes.

Maquiavele e cols. J Ethnopharmacol (2014) 2: 158

Gazal e cols. Brain Res Bull (2-14) 108: 10-7

ERVA-DE-BICHO

Nome Científico: *Polygonum hydropiperoides* Michx.

Família: POLYGONACEAE

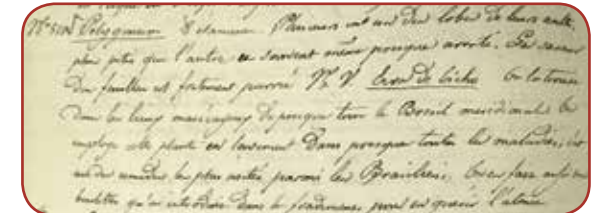
“Seguimos o curso do rego que fornece água para o engenho. Esses canais, às vezes de 4 a 4,30 centímetros de profundidade, são de importância vital para uma fazenda e são nivelados a olho, como Kariz do Beluquistão, a grande distância. Um picareteiro irlandês, se conguisse manter-se sóbrio, faria fortuna aqui. As margens do rego eram cobertas de grama (*Triticum repens*) que nascia entre as pedras e de erva-de-bicho, ótima para dores-de-cabeça; os bambus eram a taboca-de-liceu e a cambaúba, que se parece com a recortada crisciúma.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



Acima, *Polygonum* sp., Caeté; à esquerda, amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; abaixo, Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Erva de bicho”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos mostraram efeito com outras espécies de *Polygonum* e encontram-se publicados. Não foram encontrados, no entanto, resultados de pesquisas com a *P. hydropiperoides*.

FEDEGOSO

Nome Científico: *Senna occidentalis* (L.) Link

Família: FABACEAE - CAESALPINIOIDEAE

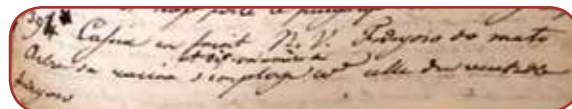
Outros nomes populares: quitoco, tririqim, fedegoso-do-mato, gajamarioba

“GUAICUÍ. O simples viajante passa por esses lugares sem perigo. Quem sofre das sezões é o entusiasta da ciência, que passa semanas e meses colhendo objetos curiosos de História Natural, ou o comerciante, descuidado das conseqüências, na procura de dólares. Em via de regra, no São Francisco, as febres, embora às vezes do tipo maligno, geralmente não passam de “acessos” e os moradores, não podendo obter o quinino, que é muito caro, tratam delas com simplices, tais como o sal amargo, quina antifebril, o fedegoso purgativo e a amarga raiz de cipó-de-mil-homens ou de jarrinha (uma *Aristolochia* diaforética e diurética).”

R. Burton,
Viagem de canoa de Sabará ao Oceano
Atlântico 1969



Acima, *S. occidentalis*, Rio Espera; à esquerda, amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN; abaixo, caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Fedegoso do mato”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As raízes do fedegoso contêm substâncias do grupo dos antracênicos, que possuem propriedades laxantes por irritarem a mucosa intestinal. Estudos evidenciaram que o uso prolongado desta planta deve ser evitado.

Barbosa-Ferreira e cols. Food Chem Toxicol. (2005) 43(4): 497-503.

Nadal e cols. Pathol Res Pract. (2003) 199(11): 733-7.

GABIROBA

Nome Científico: *Campomanesia pubescens* (Mart. ex DC.) O.Berg

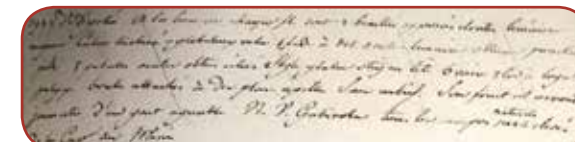
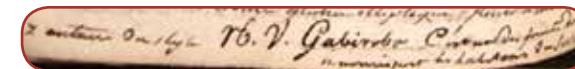
Família: MYRTACEAE

“VILAS DE BARBACENA E QUELUZ. A região que percorremos por espaço de algumas léguas entre Barbacena e a pousada chamada Padre Anastácio, nome do seu atual proprietário, é semelhante à que havíamos palmilhado desde nossa entrada nos campos. São ainda morros arredondados e pouco elevados cobertos de pastagens, e as moitas de arvoredo continuam sempre a se mostrar por aqui e ali nos vales. As gramíneas formam a massa da vegetação; mas no meio delas se encontram muitos sub-arbustos de pé a pé e meio, entre eles Apocináceas, encantadoras Melastomáceas de pequenas folhas, algumas Malváceas, uma *Cuphea* que, pela folhagem, haste delgada e flores purpúras lembra certas urzes; finalmente, uma espécie de *Psidium*, ao qual se dá o nome de gabioba, e cujo fruto amarelado e pouco menor que uma cereja é comestível.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e
Minas Gerais, 1830



C. pubescens, Ouro Preto e Parque Nacional da Serra do Cipó



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Gabioba”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos avaliaram atividade antimicrobiana e possibilidade da polpa dos frutos ser usada na produção de bebidas fermentadas.

Cardoso e cols. J Med Food (2010) 13(5): 1273-6.

Duarte e cols. J Ind Microb Biotechnol. (2009) 36(4): 557-69.

GERVÃO

Nome Científico: *Stachytarpheta jamaicensis* (L.) Vahl
Família: VERBENACEAE

Outros nomes populares: urgevão, orgibão, jarbão

“Essa espécie, que cresce por toda a parte, foi necessariamente uma das primeiras que os brasileiros experimentaram nas suas enfermidades; mas, como tais experiências foram tentadas num monte de doenças que nada têm de comum entre si, e sempre se louva o remédio quando ele é acompanhado pela cura, é natural que se tenha acabado por atribuir ao Gervão propriedades muito diferentes nas diversas partes do Brasil. Essa planta é, pois, considerada, ora como estimulante, ora como febrífuga, ora vulnerária, etc, e recomenda-se àqueles que receberam fortes contusões beber o suco que se obtém de suas folhas ou beber uma infusão que se faz com elas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



S. jamaicensis, Francisco Badaró



Minas Novas



Plantas Usuais dos Brasileiros,
1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta foi avaliada e apresentou atividade analgésica, antiinflamatória, antioxidante e bactericida contra diferentes microorganismos.

Sulaiman e cols. Med Princ Pract. (2009) 18(4):272-9. / Idu e cols. Res J Med Plant. (2007) 1(4): 149-153.

Alvarez e cols. Phytother Res. (2004) 18(6): 457-462.

GOIABEIRA

Nome Científico: *Psidium guajava* L.
Sinônimo: *Psidium pomiferum* L.

Família: MYRTACEAE

Outros nomes populares: guaiaba, goiaba

“Na maioria das vezes os vaqueiros não levam consigo nenhuma provisão; vivem de leite cru, de coalhada misturada com mel, e de várias espécies de frutos selvagens, que se sucedem quase durante toda a estação da cria dos bezerros e potros. Esses frutos são várias espécies de Araticú (*Annona*), a Guabiroba (*Psidium*), várias espécies de araçá (*Psidium*), a jabuticaba (fruto que se prende ao tronco de uma Mirtácea, várias espécies de Murici (Malpighiaceae), o giqui, o humbu (*Spondias tuberosa*), o genipapo (*Genipa americana*, L.), o burity (palmeira *Mauritia vinifera*, Mart.), a mangaba (Apocynaceae, *Hancornia speciosa*, Gom.), duas espécies de goiabas, diversas variedades de Bacopari (sapotacea), a Guabiroba (palmeira *Cocus oleracea*, Mart.), a Pitomba (*Sapindus esculentus*, St. Hil. Jus. Camb.), a Mutamba (*Guazuma ulmifolia*, Aug. de Saint-Hil.), a Marmelada, O Indaiá (palmeira), a Cagaiteira (*Myrtus dyzenterica*, Mart.), várias espécies de ingás (leguminosas), o jabotá (leguminosa), o borulé, urticácea.”

A. de Saint-Hilaire
Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e
Minas Gerais. 1830



P. guajava, Curvelo



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Em estudos recentes foram confirmadas as ações antioxidante e bactericida dos flavonoides e taninos da planta. Uma patente foi registrada para uso no tratamento de distúrbios gastrointestinais.

Marquina e cols. Arch Latinoam Nutr. (2008) 58(1): 98-102.

Chen e cols. Food Chem. (2007) 104(4): 1418-1424.

Chen e cols. Food Chem. (2006) 101(2): 686-694.

Lozoya e cols. PCT Int. Appl. (2006) 45pp.

ÍNDIGO

Nome Científico: *Indigofera suffruticosa* Mill.

Família: FABACEAE - FABOIDEAE

Outros nomes populares: anil, anileira

“O NORTE DE SÃO JOÃO DEL REI. A indústria da cidade está numa fase má. São João tem um banqueiro, o Capitão Custódio de Almeida. Panos de algodão e lã, lisos e listrados, são feitos a mão. São tingidos com índigo, urucu (a conhecida *Bixa orellana*) e outras tintas abundantes na região. Esses panos são resistentes e duram muito mais que os tecidos em máquinas; são caros, porém, a produção mal satisfaz o consumo local. Há plantações de chá, e o preparado pelo Padre Francisco de Paula Machado, em sua chácara, na estrada para Oliveira, é muito vendido em São João e apreciado no Rio de Janeiro.”

R. Burton

Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho,
1869



I. suffruticosa, Ouro Preto



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta contém alcaloides de coloração azulada, por isso já foi muito usada em tinturaria. Estudos feitos com a infusão e a maceração das folhas da planta evidenciaram atividade bactericida e antitumoral.

Vieira e cols. Evid Based Complement Alternat. (2007) 4(3): 355-359.

Leite e cols. Evid Based Complement Alternat. (2006) 3(2): 261-5.

IPECACUANHA

Nome Científico: *Carapicha ipecacuanha* (Brot.)

L. Andersson

Sinônimo: *Cephaelis ipecacuanha* (Brot.) A. Rich.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: poaia, ipê-cea-goene, poaya, poaya-do-mato, poaya-da-botica, ipécea-goente

“No momento em que Spix e Martius chegaram à aldeia, os índios coroados estavam ocupados na colheita de ipecacuanha, no interior da mata. Nessas sombrias florestas, nas quais não se pode entrar sem uma escolta, sob as abóbadas formadas pelas árvores, jamais atravessadas pelos raios de sol, encontram-se numerosas plantas medicinais e, entre outras, a famosa raiz de ipecacuanha, cujo uso é tão comum na Europa. Essa raiz provém de um pequeno arbusto (*Cephaelis ipecacuanha*), que cresce sempre em grupos na parte mais elevada da Serra do Mar. O preço da raiz não é muito elevado nos lugares onde ela é colhida; paga-se, em geral, cerca de 200 réis por libra e, além disso, os índios mostram-se dispostos a trocá-la por artigos como aguardente, quinquilharia e lenços de algodão. Contaram, naquelas florestas, a Spix e Martius, que as virtudes da ipecacuanha tinham sido ensinadas aos selvagens pelo pássaro chamado irara, espécie de martim-pescador, que, segundo se diz, tem o hábito de comer a raiz e as folhas da planta, quando, em virtude de ter bebido água malsã de algum rio, quer provocar vômito. Essa é, sem dúvida, mais uma das mil tradições fabulosas que os portugueses receberam dos índios ou que eles próprios inventaram, achando que os índios não inventavam bastante lendas.”

A. D'Orbigny

Viagem pitoresca através do Brasil, 1836



P. ipecacuanha, coletada em Ferros



MNHN Paris



Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O uso da ipecacuanha como vomitivo foi observado dos indígenas que habitavam a região da Mata Atlântica e esta ação é aproveitada até os dias de hoje. Existe, por exemplo, patentes para produtos, com a planta depositada no estrangeiro.

IPÊ-ROXO

Nome Científico: *Handroanthus impetiginosus*
(Mart. ex DC.) Mattos
Família: BIGNONIACEAE

Outro nome popular: pau-d'arco



T. impetiginosa, Belo Horizonte



“Não me descuidei de visitar a Vila de Guaicuí, que tem, de igreja a igreja, cerca de três quartos de milha. O caminho acompanha a margem direita do Rio das Velhas, que é apenas parcialmente sujeita às inundações; seu limite é denotado pelo capim muito verde e pelas almecegueiras de folhagem espessa; a árvore mais bonita é o pau-d'arco de flor roxa. Essa Bignoniácea, que dá muitas flores cor de malva, é usada como anti-sifilítica, e o cerne da madeira é de molde a cumprir o dever do “lignum guaiacum”.

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas do ipê-roxo contêm substâncias que apresentam atividade antitumoral in vitro. Várias patentes foram depositadas para produtos com a planta, especialmente por americanos, coreanos e japoneses.

Kim e cols. Biosci Biotech Biochem. (2007) 71(9): 2169-2176.

Kung e cols. J Cell Physiol. (2007) 211(2): 522-532.

Woo e cols. J Med Food. (2006) 9(2): 161-168.

Lee e cols. Exp Oncol. (2006) 28(1): 30-35.

Woo e cols. Int J Oncol. (2005) 26(4): 1017-1023.

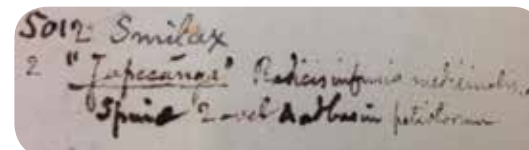
JAPECANGA

Nome Científico: *Smilax* spp.
Família: SMILACACEAE

Outros nomes populares: japi-canga, salsaparrilha, juapecanga, inhapecanga, japicanga.

“A cadeia particular das montanhas de Itabira, que deve necessariamente prender-se à grande cadeia interior, apresenta declives brandos para o oriente e outros mais rudes pelo lado ocidental. Dois picos muito elevados, um cônico e outro piramidal, revelam a extremidade da cadeia a dez léguas e até mais. O do norte tem o nome de Itabira, e pelo de Itabiruçu designa-se o mais meridional. Os cumes da cadeia e todos os morros isolados apenas apresentam vegetação magra; mas suas encostas são cobertas de boa terra vegetal, em que se desenvolvem madeiras de lei e várias plantas interessantes, tais como a Copaíba (*Copaifera*), as jabuticabeiras de frutos negros e amarelos (mirtáceas), o mate (*Ilex paraguariensis*, Aug. de S. Hil.), a japecanga (*Smilax*), a butua (*Abuta*), o ipemirim, a cinco folhas (Bignoneáceas), etc., etc.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e
Minas Gerais, 1830



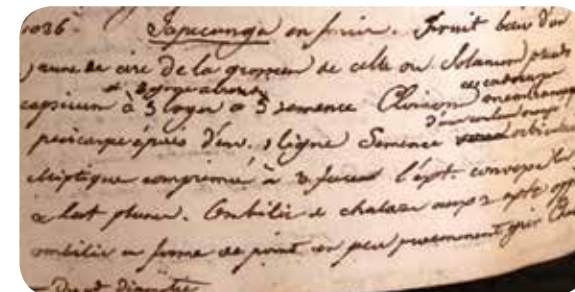
Citação da planta
no caderno de
coleta de W.
Burchell



Smilax sp., Curvelo



Diamantina



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Japecanga Pl. Vulneraire”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem dezenas de espécies de *Smilax* no Brasil, que são usadas como “depurativas” do sangue. As raízes dessas plantas contêm saponinas, substâncias capazes de complexar com o colesterol e glicose e promover a sua eliminação.

Amaro e cols. Molecules (2014) 19(8): 11366-84

JARRINHA

Nomes Científicos: *Aristolochia* spp.

Família: ARISTOLOCHIACEAE

Outros nomes populares: cassaú, cipó-de-mil-homens, mil-homens

“Descrição da Província de Goiás. Entre as plantas medicinais existentes na zona, merecem menção quatro variedades de ipecacuanha, o alcaçuz, a quina, a calumba, o mate, a jarrinha, o velame, o some, a cássia, a pequena centáurea, etc.”

Conde de Castelnau
Expedição às regiões centrais da América do Sul,
1850



Aristolochia sp., Santana do Riacho e Santa Bárbara



Amostra depositada no
MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta tem efeitos antimicrobianos, inclusive contra bactérias multirresistentes, isoladas de ambiente hospitalar.

Machado e cols. *Phytother Res.* (2005) 19(6): 519-525.

Alviano e cols. *Arch Oral Biol.* (2008) 53(6): 545-52.

JATOBÁ

Nome Científico: *Hymenaea* spp.

Família: FABACEAE – CAESALPINIOIDEAE

Outros nomes populares: jetahy, jatahy, jetaí, jataí-uva, jetaíba, abati-timbahy, jataí

“Encontra-se nos arredores de Passanha uma casca avermelhada cujo sabor é muito mais fraco que o de canela da Índia, e que, no entanto, poderia substituí-la. A analogia me leva a crer que essa casca é a de alguma laurácea. Presentearam-me, também, na localidade, com um grande pedaço de resina amarelada, transparente, que não se funde na boca, e que se queima sem grande dificuldade, espalhando um cheiro fraco, mas bastante agradável. Essa substância é produzida pelas raízes de uma grande árvore que chamam jatobá (*Hymenaea courbaril*, L.). Os habitantes desse local dão muito valor à resina do jatobá para as moléstias do peito, que a empregam reduzida a pó.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e
Minas Gerais, 1830



H. courbaril, Buenopolis



Amostra coletada por
Glaziou e depositada
no MNHN, Paris.



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O Jatobá é uma planta muito estudada, especialmente pelos japoneses, que patentearam diversos produtos para uso contra queda de cabelo, clarear a pele, contra doenças auto-imunes e contra a hipertrofia da próstata. Este é um exemplo de planta brasileira que vem sofrendo intensas ações de biopirataria.

Kurita e cols. (2007) *Jpn. Kokai Tokkyo Koho*. 23pp.

Kobayashi e cols. (2005) *PCT Int. Appl.* 160 pp.

LINGUA-DE-TIÚ

Nome Científico: *Casearia sylvestris* Sw.

Família: SALICACEAE

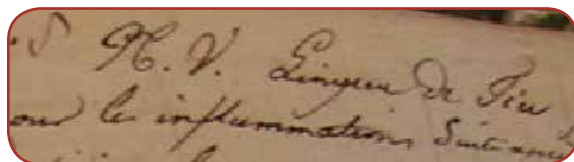
Outros nomes populares: Erva-de-vaqueiro, erva-de-são-Gonçalo, chá-de-frade



C. sylvestris, Bonfim



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire "Lingua-de-tiú"



“A decoção de suas folhas é administrada, no interior, contra doenças inflamatórias e febres malignas.”

A. de Saint-Hilaire
Flora Brasiliae Meridionalis, 1829

“Anti-reumático e para tratar inflamações. Decocção das folhas cura abscessos internos.”

Auguste de Saint-Hilaire
Cadernos de coleta

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos mostraram que a planta tem efeito antitumoral, protetor cardiovascular e antiinflamatório.

Felipe e cols. J Ethnopharmacol (2014) 155(3): 1492-9

Frediani e cols. J Ethnopharmacol (2014) 154(2): 419-27

Bou e cols. Molecules (2013) 18(8): 9477-87

LOBEIRA

Nome Científico: *Solanum lycocarpum* A. St.-Hil.

Família: SOLANACEAE

Outros nomes populares: fruta-do-lobo, árvore-da-batata.



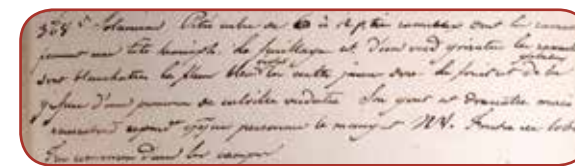
S. lycocarpum, Catas Altas

“Início da viagem à província de Goiás. O arraial de Santa Luzia. Após subir a serra por alguns instantes, achei-me num planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora de pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas, ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de subarbustos. Quanto às árvores, registrarei unicamente um *Solanum*, de frutas grandes como maçãs, a que dão o nome de fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*, Aug. de S. Hil.), e várias Apocináceas, entre as quais a que é usada na região como purgativo e é chamada de tiborna (*Plumeria drastica* Mart.). Todas as plantas, ressecadas pelo ardor do sol, tinham uma coloração amarela ou cinza, que afligia o olhar.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem à Provincia de Goiás, 1830



Coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, "N.V. Fruta do lobo"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos confirmaram sua ação como antioxidante e anti-inflamatória de substâncias da planta e patente foi depositada por japoneses.

Yoshikawa Jpn. Kokai Tokkyo Koho (2007), 22pp.

Roesler e cols. Cien Tecn Alim. (2007) 27(1): 53-60.

Vieira e cols. Phytother Res. (2003) 17(8): 892-6.

MACAÚBA

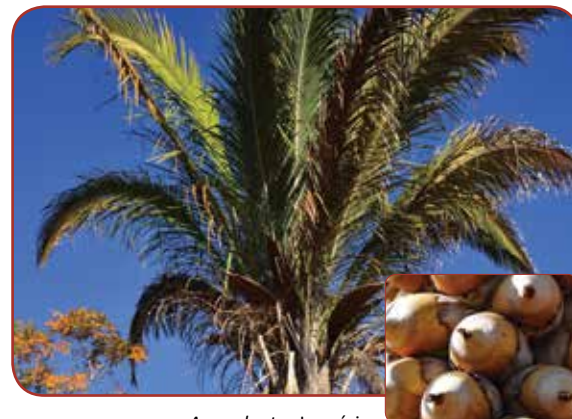
Nome Científico: *Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.

Família: ARECACEAE

Outros nomes populares: palmeira-macaúba, coco-de-catarro, mucajá

“São João Del Rei. Para ir a S. João continuei a atravessar o plano onde fica o Rancho do Marçal e cheguei a um vale que se prolonga perpendicularmente a esse plano. Aí gozei a vista mais risonha que se me ofereceu depois que viajava na Província de Minas. Frequentemente havia admirado belezas majestosas, mas sempre ásperas e selvagens; pela primeira vez depois de 15 meses, tive olhos postos em uma paisagem que tem qualquer coisa desse ar de alegria a que as paisagens francesas devem tanto encantos. O vale é muito vasto e margeado por pequenas colinas cobertas de relva. Um regato aí serpenteia e de um lado avistam-se numerosas casas de campo, todas dotadas de um jardim, onde, entre as moitas de bananeiras e laranjeiras se elevam várias palmeiras, entre outras a elegante espécie que já descrevi sob o nome de Macaúbas (*Acrocomia sclerocarpa* Mart.).”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelos distritos dos diamantes e litoral do Brasil, 1830



A. aculeata, Januária



MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O óleo de macaúba, bem como de várias outras palmeiras nativas, vem sendo avaliado, visando verificar seu potencial na alimentação e na produção de cosméticos.

Fortes & Baugh. J Anal Appl Pyrolysis. (2004) 72(1):103-111.

MACELA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.

Família: ASTERACEAE

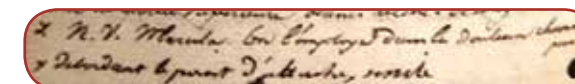
Outro nome popular: macela

“A leguminosa angico (*Acacia angico*), de folhas delicadas, cuja casca contém muito tanino, é também, um indício de terra boa. Minha atenção foi chamada para a macela-do-campo, cujas flores amarelas, parecidas com as perpétuas, são usadas para recheio de travesseiros; para a fruta-cheirosa (uma Anacardiácea), com uma grande baga, agora verde e leitosa, e para a almecegueira (*Icica* ou *Icariba amyris*, Aublet), cuja madeira tem um cheiro adocicado e cuja resina perfumada é utilizada para várias finalidades técnicas.”

R. Burton
Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico, 1869



A. satureioides, Itabirito



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Macela” se emprega nas dores



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Ensaio farmacológico comprovaram os efeitos antioxidante, anti-herpes, anti-inflamatório e redutor de LDL da planta. Extratos demonstraram também efeito genotóxico, indicando cautela no seu uso.

Bidone e cols. Biomed Res (2015): 238010. / Cariddi e cols. Biomed Res (2015): 270973

Gugliucci e cols. (2002) Life Sci 71(6): 693-705.

MALVA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Pavonia* spp.

Família: MALVACEAE

Outros nomes populares: malva-diurética, rosa-do-mato



Pavonia sp., Alto Paraíso de Goiás

“Essa planta é tida como diurética, sua decoção é administrada no interior. As propriedades comuns a todas as Malváceas nos levam a crer que ela age como emoliente, e a partir desse relato seu emprego pode ser aconselhado com sucesso nas disúrias ocasionadas pela inflamação da bexiga ou das vias urinárias.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

MANGABEIRA

Nome Científico: *Hancornia speciosa* Gomes

Família: APOCYNACEAE

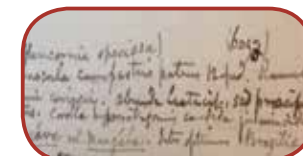
Outro nome popular: mangaba

“Volta de Goiás pelo sertão dos xavantes. A paisagem era bastante pitoresca; a vista era limitada por um magnífico buritizal, de onde o nosso pessoal não tardou a arrancar as grandes palmas em leque, para construir um sete ou oito ranchos à prova de chuva. Nesses campos, grande era a atividade da vegetação, não sendo isso devido somente às chuvas, mas também as queimadas feitas pouco tempo atrás. Entre outras plantas, havia uma grande quantidade de bonitas Malpiguiáceas de flores douradas e frutos vermelhos, várias Compostas de belas cambiantes róseas e purpurinas, Amarantáceas de capítulos prateados ou citrinos. Encontravam-se também em toda a região grande número de frutos silvestres; era aí abundante o caju (*Anacardium occidentale*), a cagaiteira, o puçá, a jabuticaba do campo, de polpa muito semelhante à do abricó europeu. Encontramos com muita freqüência a mangabeira (*Hancornia speciosa*), cujo fruto açucarado só é bom depois que todo o leite se transformou num xarope transparente, e o piqui (*Caryocar brasiliense*), de fruto muito apreciado, apesar de o termos achado de sabor pouco agradável.”

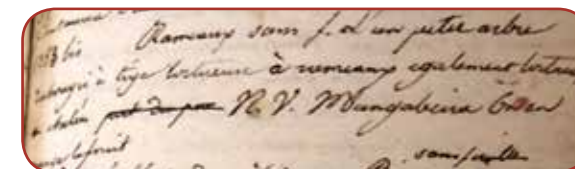
Conde de Castelnau
Expedições às Regiões Centrais da América do Sul,
1850



H. speciosa, Parque Mangabeiras - Belo Horizonte



Citação da planta no caderno de coleta de G. Gardner



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Mangabeira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A mangaba é rica em vitamina C. Estudos in vitro demonstram seu potencial como antimicrobiano e no tratamento de hipertensão arterial.

Costa e cols. Phytother Res. (2008) 22(5): 705-7.

Ferreira e cols. J Ethnopharmacol. (2007) 109(1): 161-164.

MARACUJÁ-DE-ESTRALO

Nome Científico: *Passiflora foetida* L.

Família: PASSIFLORACEAE

MARACUJÁ-GRANDE

Nome Científico: *Passiflora alata* Curtis

Outro nome popular: Flor de paixão

“DE PETRÓPOLIS A JUIZ DE FORA. Prosseguindo viagem, encontramos subidas íngremes e um morro empinado, coberto de brincos-de-princesa ostentando lindos lírios, plantas parasitas e uma profusão de maracujás ou flores-da-paixão, nativas, um dos presentes do Novo ao Velho Mundo.”

R. Burton,
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho 1869



P. foetida, Jardin des Plantes, MNHN Paris e MHNJB UFMG



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos demonstraram efeito antioxidante e sedativo das folhas e frutos da planta, e esta ação é devida à presença de flavonoides.

Klein e cols. *Phytother Res* (2014) 28(5): 706-13
Rudnicki e cols. *Food Chem.* (2006) 100(2): 719-724.

MATE

Nome Científico: *Ilex paraguariensis*

A. St.-Hil.

Família: AQUIFOLIACEAE

Outros nomes populares: erva-do-Paraguai, erva-mate, congonha

“VIAGEM DE TIJUCO AO MORRO DE GASPAR SOARES PELA SERRA DA LAPA. Um viajante, referindo-se a um outro lugar que tem também o nome de Congonhas, dá a significação desse nome como derivada das palavras indígenas caa: mata, e cunha: mulher (mulher das matas). Não sei se esta etimologia está certa, mas o que é certo é que pelo nome de congonghas se designa em Minas à planta famosa cujas folhas fornecem aos habitantes do Paraguai a bebida que eles denominam mate (*Ilex paraguariensis* St. Hil). De qualquer modo a aldeia de Congonhas, distante 4 léguas de Tapera e 9 léguas de Conceição, é uma dependência desta paróquia e devia ser chamada sempre Congonhas da Serra, para impedir-se a confusão com lugar chamado Congonhas do Campo, próximo de Vila Rica, e com Congonhas de Sabará.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelo distrito dos diamantes
e litoral do Brasil, 1830



I. paraguariensis, Andreilândia



À esquerda,
MNHN Paris;
abaixo, Caderno de coleta de
A. Saint-Hilaire “Congonha
da muda;
árvore do mate”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O mate é muito usado como bebida estimulante devido ao seu conteúdo em cafeína. Estudos preliminares recentes vêm demonstrando que ele teria efeito benéfico também como adjuvante no tratamento da obesidade.

Gambero & Ribeiro *Nutrients* (2015) 7(2): 730-50.
Milioli e cols. *Phytother Res.* (2007) 21(8): 771-776.

MULUNGU

Nome Científico: *Erythrina* spp.
Família: FABACEAE - FABOIDEAE



Erythrina sp., Morro do Pilar



“Nas imediações deste lugar fica um dos sítios mais belos do Rio de Janeiro, o conhecido no país pelo nome de Cascata. É dos quadros mais belos que se possa ver; o lençol de água é bastante largo e se quebra sobre uma mesa de pedra, 25 ou 30 pés abaixo do ponto em que se dá a queda. A vegetação circunjacente concorre para aumentar ainda mais os encantos do espetáculo; chamou-me principalmente a atenção a magnífica *Erythrina corallodendron*, cujas flores têm um colorido vermelho escarlate muito vivo, e uma urtiga arborescente, carregada de frutos brancos e globulosos.”

F. Castelnau
Expedição às regiões centrais
da América do Sul, 1850

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Existem controvérsias quanto a origem do mulungu, pois acredita-se que ele possa ser nativo da África. A planta contém elevado teor de alcaloides e seu uso deve ser feito com muita cautela. Uma patente foi registrada para produto para uso como antitumoral e anti-infeccioso.

Lipton 2005. PCT Int. Appl. 64 pp.

MURICI

Nome Científico: *Byrsonima* spp.
Família: MALPIGHIACEAE

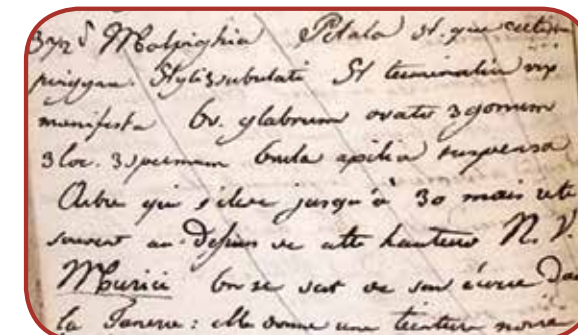
Outro nome popular: guiné



Byrsonima, sp., Cidade de Goiás

“Não se empregam para o cortume indiferentemente as cinzas de todas as árvores: preferem-se no sertão a do angico (Leguminosa), do pau-pobre (Euforbiácea), do imbiruçu, da fruta-do-lobo (*Solanum lycocarpum*, N.) etc. Em outras zonas da Província de Minas, que não o deserto, são empregados, para curtir, o cortex da Canafístula (*Cathartocarpus brasilianta*, Jacq. ex Mart.), da do muricí (Malpigiáceas), da do barbatimão (*Acacia adstringens*, Mart.). Em vez de bangués, vários fazendeiros empregam troncos de árvores escavadas, e não é mesmo senão na falta de troncos que se empregam os bangués. De mais a mais, o método que acabo de descrever não é exatamente o mesmo para todos os colonos: alguns deixam os couros mergulhados durante mais tempo na cinza, outros deixam-nos mais na água, etc., etc.”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Murici”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

MUTAMBA

Nome Científico: *Guazuma ulmifolia* Lam.

Família: MALVACEAE

Outros nomes populares: mutombo, motamba, matomba

“O fruto dessa árvore, embora duro e quase lenhoso, está repleto de uma mucilagem de sabor doce e agradável que se pode chupar com prazer, e que lembra o gosto dos figos oleosos. Talvez merecesse ele as honras da cultura, o que contribuiria ainda para melhorá-lo. Aliás, não é a única vantagem que se pode tirar dele: na realidade, uma nota de Plée, conservada no Herbário do Museum, nos ensina que, na Martinica, onde a *Guazuma ulmifolia* é conhecida com o nome de olmo piramidal, emprega-se sua casca de 5 a 18 meses, para clarear o açúcar: é particularmente do liber que a gente se serve, deixando-o de molho na água, operação que faz com que ele produza uma mucilagem espessa, mais apropriada para tecer que o linho. A velha casca do tronco passa, na mesma ilha, por um sudorífico excelente contra as doenças de pele: faz-se ferver três ou quatro onças em três 0.93ml de água que se deixa reduzir a dois.”

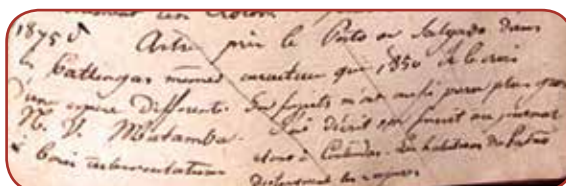
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



G. ulmifolia,
Formiga,



Plantas Usuais
dos Brasileiros



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Mutamba”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As cascas da mutamba mostraram efeito anti-hipertensivo e protetor gástrico em estudos com animais. Os japoneses estão avaliando o potencial dos frutos como suplemento alimentar e agente antiobesidade, tendo depositado várias patentes.

Magos e cols. (2008) J Ethnopharmacol. 117(1): 58-68.
Berenguer e cols. (2007) J Ethnopharm. 114(2): 153-160.

ORELHA-DE-ONÇA

Nome Científico: *Cissampelos ovalifolia* DC.

Família: MENISPERMACEAE

“Empregam-se as raízes dessa planta contra a mordida das serpentes; mas eu não poderia dizer se ela tem realmente alguma eficácia. Em geral, os brasileiros atribuem a mesma virtude a um monte de vegetais diversos, e cada cultivador elogia com entusiasmo o antídoto ao qual ele dá preferência. É impossível acreditar que plantas que pertencem a famílias diferentes, das quais algumas têm simplesmente sabor e odor herbáceos, possam igualmente curar da mordida das serpentes venenosas: mas será impossível um dia descobrir-se a verdade, se algum observador escrupuloso e instruído não fizer nos animais experiências articuladas com cuidado.”

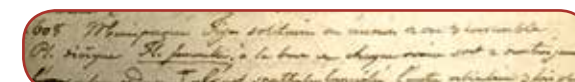
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



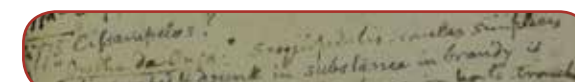
C. ovalifolia, Curvelo



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; desenho feito a partir da amostra-tipo, Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N. V. Orelha de onça”



Caderno de coleta de W. Burchell

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Os alcaloides desta planta demonstraram atividade antiparasitária in vitro contra o *Plasmodium*, parasita causador da malária.

Tempone e cols. Phytomed. (2005) 12(5): 382-390.

Fischer e cols. Acta Tropica (2004) 92(3): 261-266.

OUTROS FRUTOS NATIVOS

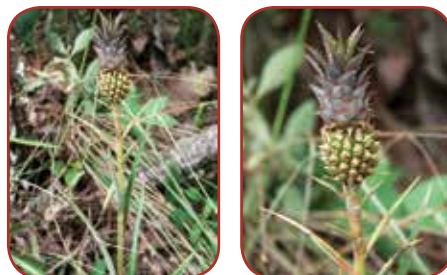
“Perguntou-se muitas vezes se os frutos indígenas do Brasil¹ eram superiores aos da Europa, ou se estes últimos mereceriam a preferência; mas essa questão, habitualmente mal colocada, quase nunca é decidida com justiça. É incontestável que os frutos da Europa, tais como hoje os comemos, são bem mais saborosos que os do Brasil; mas é preciso não se esquecer de que eles são o resultado de uma cultura de vários séculos, ao passo que os frutos indígenas do Brasil estão ainda quase todos em estado selvagem. Se quisermos ser justos, não compararemos pois estes últimos com as maçãs, as peras, e as ameixas de nossos jardins, mas com as que nascem naturalmente em nossos bosques; e, então, não se hesitará um só instante em dar a preferência aos frutos do Brasil. Encontramos nas florestas e nas savanas dessa bela região, uma multidão de frutos que se pode comer com prazer, logo, é de se crer que eles não permanecerão inferiores aos nossos, quando se lhes der algum cuidado.

A. Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824

ANANÁS

Nome Científico: *Ananas spp.*

Família: BROMELIACEAE



Curvelo

GRAVATÁ

Nome Científico: *Bromelia spp.*

Família: BROMELIACEAE



Rio Espera

MELANCIA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Melancium spp.*

Família: CUCURBITACEAE



Curvelo

PACARI

Nome Científico: *Lafoensia pacari* A. St.-Hil

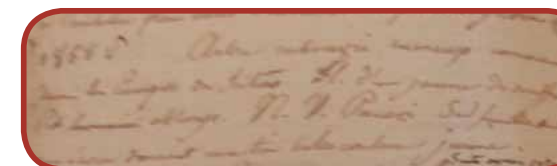
Família: LYTHRACEAE

“SANTO ANTÔNIO DOS MONTES CLAROS. O ARRAIAL DE CORUMBÁ. OS MONTES PIRINEUS. O ARRAIAL DE MEIA-PONTE. A não ser nas matas, a vegetação apresenta sempre a mesma alternativa e em vários trechos descampados ainda se encontra a *Vellozia* arborescente, que já assinalo como sendo característica das regiões elevadas. Assim, os campos ora apresentam grandes extensões cobertas exclusivamente de capim, ora exibem aqui e ali algumas árvores raquíticas surgindo no meio daquela singular monocotiledônea. De resto, as árvores mal lhe deixam espaço para se desenvolver. É essa planta – como já disse – que estabelece a grande diferença entre os campos dessa região e os da Província de Minas. Encontram-se também ali as mesmas espécies de *Qualea* que se vêem em Minas, a *Voquísia* nº 502, a *Gencianácea* nº 206, tão comum em todos os campos, a *Hyptis* nº 157, a *Composta* 453, o velame, conhecido por suas qualidades purgativas, o pequi (*Caryocar brasiliensis*, Aug. de S. Hil., Juss., Camb. o tamboril, ali chamado de vinhático-do-campo, a *Auranciácea* nº 632, o pacari (*Lafoensia pacari*, Aug. De S. Hil.), a *Acantácea* nº 642, a quina-do-campo (*Strychnos pseudoquina*, Aug. De S. Hil.), etc.”

A. de Saint-Hilaire
Viagens à Província de Goiás, 1830



L. pacari, Diamantina



Cadernos de coleta de A. de Saint-Hilaire “Pacari”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou atividade antiúlcera gástrica da planta.

Tamashiro e cols. J Ethnopharm (2012) 144(3): 497-505.

PAINEIRA

Nome Científico: *Ceiba speciosa* (A. St.-Hil) Ravenna

Família: MALVACEAE

Outro nome popular: árvore-de-paina

“O algodão branco, onde as sementes são embrulhadas, é usado para fazer almofadas e travesseiros. Deve-se observar que nos diferentes países onde se encontram Bombacáceas, pertencentes, seja a *Bombax*, seja aos gêneros vizinhos, confundidos primeiramente com ele, os filetes lanosos ou sedosos que forram as paredes dos lóculos do fruto, servem a esse mesmo uso.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



C. speciosa, Belo Horizonte e imagem Plantas Usuais dos Brasileiros



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Árvore de paina”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos *in vitro* confirmaram a presença de substâncias bactericidas e antioxidantes nas flores da planta. Outros estudos estão tentando verificar o potencial da paina como absorvente de petróleo, para uso no caso de vazamentos acidentais.

Annunciado e cols. Marine Pollut Bull. (2005) 50(11): 1340-1346

Hafez e cols. J Pharm Sci. (2003) 19(1): 40-59.

PARATUDO

Nome Científico: *Gomphrena officinalis* Mart.

Família: AMARANTHACEAE

Outros nomes populares: para-todo, perpétua, raiz-do-padre-salerma, para-tudo

“Um capim alto, bastante parecido com a aveia silvestre, e um cardo carregado de flores brancas, são abundantes nos campos, e o Paratudo, com suas flores cor de fogo, caindo perto do chão, atraem a vista à certa distância. As árvores baixas que se encontram espalhadas aqui e ali, ficam muitas vezes inteiramente cobertas de um musgo branco fibroso e pendente que lhes dá uma curiosa aparência. Em algumas partes dos campos, essas árvores estão naturalmente distribuídas de tal forma a parecer um pomar, em outras partes encontram-se somente nos vales, onde formam bosques de pequena extensão; raramente têm mais de vinte pés de altura e muitas vezes mesmo, têm os galhos recurvados, a casca muito áspera e freqüentemente uma folhagem cor de cinza ou esbranquiçada.”

C.J.F. Bunburry
Viagem de um naturalista inglês
ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835

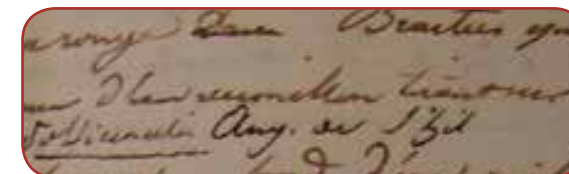
DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.



Plantas Usuais dos Brasileiros

G. officinalis, Curvelo,



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire

PATA-DE-VACA

Nome Científico: *Bauhinia forficata* Link

Família: FABACEAE-CERCIDEAE

Outros nomes populares: unha-de-vaca, mororó-dos-índios

“VIAGEM PARA CONGONHAS DO CAMPO. Diz Fr. José de Santa Rita Durão. Notáveis, também, são as pétalas alvíssimas e as comprimidas vagens verdes dos arbustos leguminosos de folhas fendidas (*Bauhinia forficata*, o mororó-dos-índios), aqui chamadas unha-de-boi, ou, como alguns preferem, unha-de-vaca*.

* O “Sistema” prefere unha-de-boi, e classifica o vegetal entre as plantas adstringentes mucilaginosas.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



B. forficata, Cipotânea



Amostra coletada por A. Saint Hilaire e depositada no MNHN Paris

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Vários estudos evidenciaram o efeito hipoglicêmico das folhas e ele é devido à presença de flavonoides. Curcio e cols. *Pak J Pharm* (2012) 25(3): 493-9.
Cunha e cols. *Phytomedicine* (2010) 17(1): 37-41.
Menezes e cols. *Rev Bras Farmacog.* (2007) 17(1): 8-13.
Lino e cols. *Biol & Pharmac Bull.* (2004) 27(1): 125-127



PAU-DE-LEITE

Nome Científico: *Himatanthus obovatus* (Müll. Arg.)

Woodson

Família: APOCYNACEAE

Outro nome popular: tiborna

“Os brasileiros herdaram dos velhos habitantes do País um meio sensato de tratar das mordeduras de cobra, mas seu sistema admite melhoramentos. Os selvagens aplicavam, acima da ferida, uma ligadura, para impedir o sangue de chegar ao coração durante algum tempo; os civilizados a apertam tanto, que acarreta a maceração do membro atingido. (...) Quando o paciente, que na maioria das vezes, se queixa de uma sensação de prostração, como na cólera, fica embriagado, está salvo. Por outro lado, costumam misturar com o álcool caldo de limão, o que é inofensivo, ou álcool em que foi macerada a cobra coral, ou, o que é prejudicial sem dúvida alguma, mercuriais. Há muitos símplices empregados como a erva-cobreira, a Aristolochia, as folhas da *Plumeria obovatae* a gordura do teiú, enquanto Ave-Marias e Padre-Nossos fazem o resto.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



H. obovatus, Francisco Badaró



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta mostrou-se ativa contra o parasita causador da leishmaniose em estudos in vitro.

Mesquita e cols. *Mem Inst Oswaldo Cruz* (2005) 100(7): 783-7.

PAU-PARAÍBA

Nome Científico: *Simarouba versicolor* A. St.-Hil.

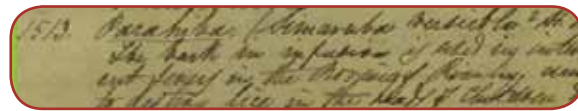
Família: SIMAROUBACEAE

“*Simarouba versicolor* tem a casca e as folhas amargas, como a *Simarouba amara* e todas as espécies da mesma família, e deve, conseqüentemente, apresentar as mesmas propriedades. Os habitantes do Certão consideram sua casca em infusão na cachaça um remédio específico para mordida das serpentes venenosas. O que há de certo é que é empregada com grande sucesso para curar as doenças pediculares dos homens e sobretudo a dos cavalos, bastante frequentes nessas regiões. Um fato que vou relatar acabará de provar a realidade dessa propriedade. Eu tinha colocado quatro amostras de *S. versicolor* numa caixa que continha um grande número de plantas de diferentes famílias; todas foram devoradas por um número enorme de larvas de *Ptinus*, e somente as amostras de *Simarouba* permaneceram intactas. Talvez sejamos tentados a explicar esse fato, supondo que o princípio amargo está muito concentrado em nossa planta e a parte amilácea em pequena quantidade; mas como explicar então que espécies de um sabor muito mais amargo, tais como a *Simaba floribunda* e a *Evodia febrifuga*, que crescem igualmente na província de Minas, tenham sido roídas, enquanto os insetos pouparam a planta da qual falamos? De qualquer modo, fica bem demonstrado que *S. versicolor* é inteiramente rejeitada por esses insetos.”

A. De Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



S. versicolor, Cidade de Goiás e Plantas Usuas dos Brasileiros



Citação da planta no caderno de coleta de G. Gardner
“Parahiba”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PAU-PARATUDO

Nome Científico: *Hortia brasiliana* Vand. ex DC.

Família: RUTACEAE

Outro nome popular: quina

“Esta planta, cuja casca é amarga e febrífuga, não pode, no entanto, ser considerada senão um sucedâneo bastante inútil, uma vez que o *Strychnos pseudoquina* cresce mais ou menos nos mesmos lugares que ela. De qualquer modo, deve-se ver na *Hortia brasiliana* a confirmação das propriedades febrífugas das Rutáceas.”

A, de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



H. brasiliana, Mariana e Plantas usuais dos Brasileiros



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A *H. brasiliana* é descrita na bibliografia histórica também sob o nome de quina. Ao lado de outras “quinas”, ela já foi muito usada no tratamento de febres intermitentes ocasionadas pela malária. Essas plantas receberam este nome popular por se acreditar que tenham o mesmo efeito das quinas verdadeiras, espécies de *Cinchona* nativas do Peru, que produzem o quinino, potente antimalárico. Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes com a *H. brasiliana*.

PAU-PEREIRA

Nome Científico: *Geissospermum laeve* (Vell.) Miers

Família: APOCYNACEAE

Outros nomes populares: páo-pereira, camara-do-mato, camara-de-bilro, ubá-assú, forquilha, canudo-amargoso, pau-de-dente, pinguaciba, quina-de-pobre



G. laeve, Rio Espera



À esquerda, MNHN Paris;
acima, cascas comercializadas
em Três Corações

“Não pude deixar de observar a abundância dos elementos antifebris; o Formulário menciona quinze espécies, várias das quais semelhantes às do Peru. No mato mais fechado, havia a quina-do-mato (*Chinchona remigiana*) e, com ela, a quina-de-pobre, uma árvore de casca amarga e fruta doce, chamada por muitos nomes: pau-pereira (*Geissospermum Vellozii*), ubá-açu, pau-forquilha, pau-de-dente, camará-de-bilro (bilro), camará-do-mato, canudo-amargoso ou pinguaciba. Há, também, em grande quantidade, o chá-de-pedestre ou chá-de-frade (*Lantana pseudo-thea*).”

R. Burton
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Um estudo demonstrou a ação antimalárica dos alcaloides presentes na planta.

Munoz e cols. J Ethnopharmacol. (2000) 69(2):127-37.

PAU-SANTO

Nome Científico: *Kielmeyera speciosa* A. St.-Hil.

Família: CALOPHYLLACEAE

Outros nomes populares: malva-do-campo, folha-santa, pinhão, pau-de-pinhão



K. speciosa, Alto Paraíso de Goiás

“Perto do Rio das Mortes encontrei ainda neste pequeno espaço de terreno a vegetação dos tabuleiros cobertos, isto é, árvores retorcidas, enfezadas, esparsas nos pastos, e principalmente a Gutífera com grandes folhas elípticas que a gente aqui chama pau-santo ou pau-de-pinhão, Leguminosas, e a Solanácea de frutos enormes que tem o nome de fruta-de-lobo. Bem perto daqui nos picos, encontrei esparsas, nos campos, uma compósita cujas folhas são duras e onduladas. As flores têm perfume muito agradável e a planta é arbusto frondejante, de alguns pés de altura.”

A. de Saint-Hilaire
Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas
Gerais e a São Paulo, 1822



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

PAU-TERRA

Nome Científico: *Qualea grandiflora* Mart.

Família: VOCHYSIACEAE

“A árvore “antediluviana”, a nobre e valiosa araucária (*Araucaria imbricata* ou *brasiliensis*), o pinheiro brasileiro, só é vista perto de lugares habitados e é, provavelmente imigrantes do Paraná, onde forma floresta primitivas. O retorcido piqui (*Caryocar brasiliensis*) dá uma fruta oleosa e mucilaginosa, com uma semente em parte comestível. O tingui (*Magonia glabrata* St. Hil.) é uma planta inútil, que dá, pendente, um fruto disforme, parecido com um fungo enorme. O pau-terra e o patari, este de grandes sementes, fornecem bom carvão; a casca, as folhas e os frutos do último são usados para tingir de preto.”

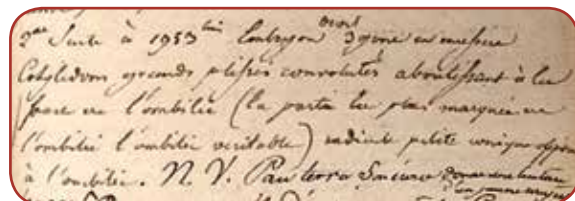
R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



Q. grandiflora, Lagoa Formosa



Amostra coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN Paris; abaixo, cadernos de coleta “N.V. Pau terra”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente evidenciou a atividade antiúlcera gástrica da planta
Bonacors e cols. Evid Based Complement Alternat Med (2013): 851621

PÉ-DE-PERDIZ

Nome Científico: *Croton perdicipes* A. St.-Hil., *Croton antisiphiliticus* Mart.

Família: EUPHORBIACEAE

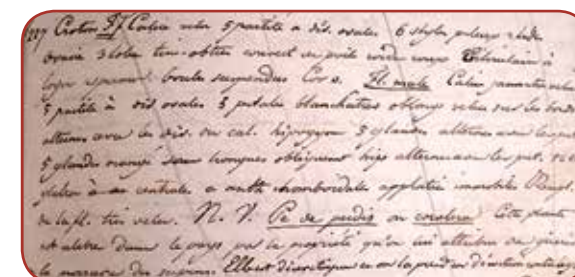
Outros nomes populares: alcanfora, curraleira, erva mular, cocolera

“A decocção dessa planta é diurética; ela é também empregada contra a sífilis. Sabe-se que meios bastante suaves, os sudoríferos, por exemplo, são suficientes para curar essa doença, que, no nosso clima mais frio, só cede a um tratamento mais enérgico. A propriedade excitante que existe tão frequentemente nas Euforbiáceas está presente nesta, em graus diversos, e produz consequentemente efeitos variáveis, segundo a espécie ou a parte que é utilizada. O gênero *Croton* oferece um exemplo notável: as sementes de algumas dessas espécies fornecem à medicina um desses efeitos mais violentos e drásticos; a madeira ou a casca de algumas outras é emético, sudorífico ou simplesmente aromático. A que acabamos de apresentar (*C. perdicipes*) é ainda célebre na província de Minas, pela virtude que se lhe atribui, qual seja a de se curar das mordidas das serpentes. Pretende-se, enfim, que a aplicação das folhas, se frescas e moídas, isto é, secas e reduzidas a pó, favorece a cura das feridas.”

A. Saint-Hilaire,
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



C. perdicipes, Paracatu



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos sobre esta planta.

PEQUIZEIRO

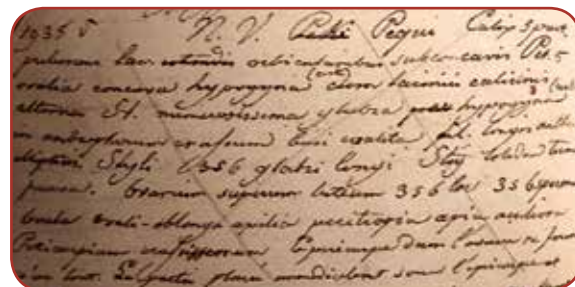
Nome Científico: *Caryocar brasiliense* Cambess.

Família: CARYOCARACEAE

Outros nomes populares: piqui, pequi



C. brasiliense, Curvelo e Lassance



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, "N.V. Peki Pequi"

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou que uma dieta contendo óleo de pequi, rico em carotenoides, é capaz de reduzir a peroxidação lipídica e, assim, o desenvolvimento de certos tipos de câncer.

Miranda-Vilela e cols. Genet Mol Res. (2009) 8(4): 1481-95.

"DE SÃO ROMÃO A JANUÁRIA. É chamado Pequizeiro*, devido à abundância que ali havia, antigamente, daquela árvore silvestre, e torna-se-á, provavelmente, a margem esquerda do Rio São Francisco. Sem dúvida alguma, é, mesmo agora, o ponto mais adequado para a localização da cidade, que uma linha de trilhos de madeira ligaria facilmente ao porto; a atmosfera é mais fresca e mais saudável, há fartura de água e de material de construção e as terras de suas proximidades, de solo vermelho e solto, são excelentes para o cultivo de algodão e da cana-de-açúcar.

* ... sua madeira é boa para fazer canoas, e o fruto, do tamanho de uma laranja, fornece uma polpa oleosa, farinácea e muito nutritiva..."

R. Burton
Viagem de canoa de Sabará
ao Oceano Atlântico, 1869

PIMENTA-DE-MACACO

Nomes Científicos: *Xylopia sericea* A. St.-Hil., *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart.

Família: ANNONACEAE

Outros nomes populares: pindaiba, embira

"Existe nas florestas do Brasil um monte de árvores cuja casca, tenaz e flexível, é empregada pelos habitantes para fazer cordas, e poderia fornecer amarras e excelentes cordames. (...) Na realidade, seus frutos, muito aromáticos, têm o odor da pimenta do reino; e se o sabor não é tão forte, eles são, no entanto, mais agradáveis. Se fossem mais conhecidos, esses frutos seriam certamente procurados como especiaria, e poderiam dar lugar a um novo ramo do comércio; mas, infelizmente, os brasileiros se acostumaram a desdenhar todas as vantagens que a natureza lhes prodigou, e na destruição das florestas, que progride tão rapidamente, a árvore que acabo de analisar não está sendo menos poupada do que tantas outras espécies preciosas, que acabarão talvez por desaparecer totalmente."

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



X. sericea, Santana do Riacho e Plantas Usuais dos Brasileiros



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta é rica em acetogeninas que apresentaram várias atividades, especialmente como larvicidas, antimaláricas e antitumorais in vitro.

Suffredini e cols. Fitoterapia (2007) 78(3): 223-6.

de Mesquita e cols. J Ethnopharm. (2007) 110(1): 165-70.

Rodrigues e cols. J Am Mosq Control Ass. (2006) 22(2): 314-7.

PINHEIRO-BRASILEIRO

Nome Científico: *Araucaria angustifolia* (Bertol.)

Kuntze

Família: ARAUCARIACEAE

Outros nomes populares: araucária, pinheiro-do-Brasil, pinheiro-do-Paraná

“Momentos depois estávamos à vista da famosa cidade de Diamantina; capital de uma rica província, ocupa toda a encosta de uma serra, igual em altura à que acabávamos de descer e da qual se separa por estreito vale. A cidade surge tão subitamente à vista do viajante, que parece chamada à existência por um poder mágico: admira-se ele à vista de tamanho aglomerado de grandes casas caídas de branco, entremeadas de inúmeras igrejas, elevando-se gradualmente umas acima das outras nas íngremes encostas da serra, juntamente com numerosas pequenas plantações que rodeiam as casas do subúrbios, laranjeiras, bananeiras e outras plantas tropicais; abundantes e compactas jabuticabeiras e muitos belos espécimes do grande grotesco pinheiro-do-paraná (*Araucaria brasiliana*), em estranho contraste com a região rochosa e absolutamente sáfara que rodeia a cidade por todos os lados: é, com efeito, um oásis no deserto.”

G. Gardner
Viagem ao Interior do Brasil, 1846



A. angustifolia, Baependi



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou efeito da planta sobre a lipase, enzima envolvida na digestão de gorduras.

Oliveira RF e cols. Nutrients (2015) 7(7): 5601-14.

PITANGUEIRA

Nome Científico: *Eugenia uniflora* L.

Família: MYRTACEAE

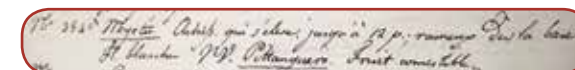
Outro nome popular: pitanga

“As praias perto do Rio são geralmente cercadas na extremidade superior das areias por uma faixa de arbustos, sempre verdes, o mais comum dos quais é a Pitanga, uma bela espécie de murta, (*Eugenia michellii*, De C.) com folhas muito lustrosas; suas sucosas frutinhas vermelhas, apesar de acres e de gosto ruim, em seu estado natural, servem para a confecção de um doce. Juntamente com este vegeta a *Sophora littoralis*, uma ou duas espécies de *Clusia*, uma palmeira anã cheia de espinhos e diversos outros arbustos, misturados de Cactus altos; e o chão, embaixo desses arbustos, é coberto por uma espécie de Bromelia, cujas folhas côncavas retêm água das chuvas, como numa taça.”

C.J.F. Bunbury
Viagem de um naturalista inglês ao
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



E. uniflora, MHNJB-UFMG, Belo Horizonte



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Pitagueiro”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo demonstrou atividade analgésica e antitérmica do óleo essencial das folhas da planta, bem como efeito contra a Giardia, parasita causador de diarreias.

Amorim e cols. Phytomed. (2009) 16(10): 923-8.

Brandelli e cols. Parasitol Res. (2009) 104(6): 1345-9.

PITOMBEIRA

Nome Científico: *Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk.

Família: SAPINDACEAE

Outro nome popular: pitomba

“Sabe-se que várias Sapindáceas fornecem frutos muito procurados pelos habitantes dos trópicos. Parece que, em algumas *Schmidelia*, é do sarcocarpo que se faz uso; em outros gêneros, como *Euphoria*, *Blighia*, *Paullinia*, o arilo desenvolve-se muito e torna-se a parte alimentar. Auguste de Saint-Hilaire, não tendo visto ele próprio os frutos de nosso *Sapindus*, não pôde definir em qual dessas duas classes elas devem ser relacionadas; suas notas nos ensinam somente que seus frutos, chamados de Pitomba são carnudos e muito saborosos pelos habitantes do Certão.”

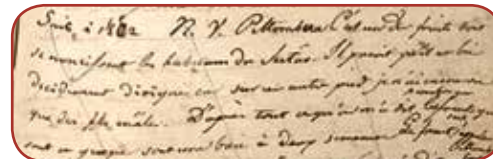
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



T. esculenta, MNHJB-UFMG, Belo Horizonte



Amostra-tipo coletada por A. de Saint-Hilaire, MNHN, Paris.



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire “N.V. Pittombera”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos da planta apresentaram efeito antimicrobiano e contra a aderência de bactérias à saliva, inibindo a formação de placas.

Pinheiro e cols. J Appl Microbiol (2009) 20.

Oliveira e cols. J Oral Sci. (2007) 49(2): 141-5.

POAIA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Richardia scabra* L. A. St.-Hil.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: Poaia-branca, poaya-do-campo

“Esta planta é empregada com grande sucesso pelos lavradores das imediações de S. João del Rei, para substituir a *Cephaelis ipecacuanha*, que não cresce nessa região. Não apenas suas propriedades são as mesmas da verdadeira Ipecacuanha, mas ainda obtêm-se dela resultados semelhantes em doses menos consideráveis. Atualmente, já que *Cephaelis ipecacuanha* torna-se menos abundante, os brasileiros poderiam tentar enviar à Europa as raízes da *Richardsonia rosea*, cujas vantagens talvez não se tardarão a reconhecer. Esta planta seria também muito mais fácil de cultivar que a *Cephaelis*; porque se multiplica com extrema facilidade; ela não tem necessidade de sombra e se adapta muito bem em terrenos batidos e pouco férteis.”

A. de Saint-Hilaire. Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



R. scabra, Coronel Pacheco



Plantas Usuais dos Brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

QUARESMEIRA

Nome Científico: *Tibouchina granulosa* (Desr.) Cogn.

Família: MELASTOMATACEAE

Outro nome popular: Flor-de-quaresma



T. granulosa, Rio Acima



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, página da direita, "N.V. flor de quaresma"

"A Flor-de-Quaresma é uma das mais esplêndidas variedades da bela família de plantas chamadas pelos botânicos Melastomáceas, as quais são extremamente numerosas no Brasil e em toda parte (tanto quanto me foi dado ver) constituem um traço notável na vegetação."

C.J.F. Bunbury

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835



QUINA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Strychnos pseudoquina* A. St.-Hil.

Família: LOGANIACEAE

Outros nomes populares: quina-de-medanha, quina-do-cerrado, quina-do-sertão



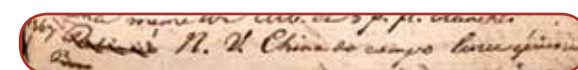
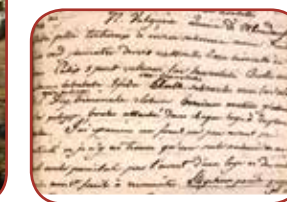
S. pseudoquina, Brasília e Plantas Usuais dos Brasileiros

"Entretanto, apesar das desanimadoras informações que acabo de dar sobre minha viagem pela Comarca de Paracatu, não é menos verdade que essa comarca dispõe de todos os elementos propícios à riqueza e à prosperidade. Não somente se encontram aí jazidas de ouro e diamantes, como também de ferro e estanho. Diversas plantas fornecem ao homem salutareos remédios, como por exemplo, a quina-do-campo (*Strychnos pseudoquina*, Aug. S. Hil.), que já citei. As terras são férteis e as imensas pastagens poderiam alimentar numerosos rebanhos."

A. de Saint-Hilaire
Viagem às nascentes do Rio São Francisco, 1830



À esquerda, MNHN Paris; abaixo, cadernos de campo, "N.Vulgaire Quina de Mendanha" e "N.V. China do caderno de coleta de A. Saint-Hilaire



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

A planta apresentou efeito no tratamento de distúrbios gastrointestinais mas também teve efeito mutagênico. Isto indica que seu uso deve ser feito com muita cautela.

Bonamin e cols. J Ethnopharmacol (2011) 138 (1): 47-52.

Santos e cols. Food and Chem Toxicol. (2006) 44(9): 1585-1589.

QUINA-MINEIRA

Nome Científico: *Remijia ferruginea* (A.St.-Hil.) DC.

Família: RUBIACEAE

Outros nomes populares: quina-da-serra, quina-de-remijio, quina-do-mato



R. ferruginea, Buenópolis e Plantas Usuais dos Brasileiros



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Testes in vitro mostraram efeito da planta contra o parasita causador da malária.

Andrade-Neto e cols. J Ethnopharm. (2003) 87(2-3): 253-6.

“Depois de passar por Inficionado, atravessamos um terreno inteiramente ferruginoso, coberto de matas, e aí recolhemos grande número de belas plantas, principalmente de Apocináceas. Observamos que em geral, os terrenos dessa natureza são os que apresentam a flora mais variada. As plantas são em geral menos vigorosas que em outros lugares, mas estão longe de conter tantas partes aquosas. Certos vegetais indicam quase com segurança absoluta a presença do ferro e, entre eles, devem citar-se principalmente três espécies de quinquina de caule muito delgado que, sendo muito próximas, são confundidas pelos habitantes da região sob o nome de Quina da Serra ou de Remijo, e empregadas com êxito como febrífugas (*Cinchona ferruginea*, *vellozii*, *remijiana*. Aug. de Saint-Hil.)”

A. de Saint-Hilaire
Viagem pelas províncias do
Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1830

ROSA-DO-CAMPO

Nome Científico: *Kielmeyera rosea* Mart. & Zucc.

Família: CALOPHYLLACEAE

Outro nome popular: malva-do-campo



K. rosea, Curvelo e Plantas Usuais dos Brasileiros

“Muitos arbustos floridos e belas plantas herbáceas se encontram no meio do capim: daqueles o *Diplusodon* e a *Kielmeyera* são os mais ornamentais; um deles (*Kielmeyera rosea*, Mart.) cresce em moitas de cerca de pé e meio de altura e produz grandes e numerosas flores cor de rosa, donde lhe vem o nome de rosa-do-campo. Das plantas herbáceas destes lugares as mais belas são as que pertencem as famílias Gencianáceas. Uma das espécies de *Lisianthus* produz grandes flores azuis em forma de sino, não diversas na forma das da *Digitalis* (...). As árvores dos campos altos são quase sempre pequenas e as principais são a bela sucupira (*Commilobuium polygalaeflorum*), *Qualea grandiflora* e *Qualea paviflora*, uma *Vochysia*, *Salvertia covallariodora*, uma *Panax*, uma *Albertina*, uma *Lafoensia*, duas espécies de *Cecropia*, a mangaba-do-mono, o caju e diversas espécies de *Mimosa*.”

G. Gardner
Viagem ao interior do Brasil, 1846



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

SACARROLHA

Nome Científico: *Helicteres sacarolha* A. St. Hil
Família: MALVACEAE

“A decoção de sua raiz é administrada nas afecções venéreas. Ignoramos a partir de que efeitos é empregado este medicamento, mas imaginamos que é como mucilaginoso e emoliente que ele serve para prevenir ou combater os acidentes inflamatórios nessas doenças. Realmente, vê-se, fazendo uma infusão das flores dos diversos *Helicteres* na água fervente, que eles contêm uma grande quantidade de mucilagem, da mesma forma que a maioria das Malváceas.”

A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



H. Sacarrolha, Cidade de Goiás



Plantas Usuais dos
brasileiros

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudo recente mostrou atividade gastroprotetora de extratos da planta.
Balogun e cols. J Ethnopharmacol (2015) 166: 176-84

SALSAPARRILHA

Nome Científico: *Herreria salsaparrilha* Mart.
Família: ASPARAGACEAE

Outros nomes populares: salsa, salsa-do-campo, salsa-do-mato

“Nos lugares mais baixos, há uma espécie de salsaparrilha (salsa-do-campo ou salsa-do-mato), que aparece nos formigueiros, embaixo das árvores. A raiz é grande e branca, sendo que a amarela é a preferida na Europa e nos Estados Unidos; segundo dizem, ela deve ser tomada com leite, para disfarçar a acidez e deve ser tomada bastante, mas com cuidado, evitando-se, por exemplo, tomá-la nomeio do dia. A salsaparrilha plantada nos quintais é toda colhida nesta estação, e as casas comerciais daqui cobram 2\$000 por libra para os galhos secos mandados para do Rio de Janeiro.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho, 1869



H. salsaparrilha, Rio Espera



Amostra coletada por
A. Saint-Hilaire, MNHN
Paris



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

SAMBAÍBA

Nome Científico: *Curatella americana* L.

Família: DILLENIACEAE

Outro nome popular: lixeira, çambaíba, sambaúba, sandaia

“JAGUARA. Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira. Além dessas, notei sambaíba (*Curatella sambaiba*), também escrita “sambaúba” de frutos desvaliosos, folhas duras, usadas para escovar panos e uma casca adstringente, boa para curtume e para tratamento de feridas; produz o efeito do iodo, curando inflamações crônicas.”

R. Burton
Viagem de canoa de Sabará ao
Oceano Atlântico, 1869



C. americana, Ibertioga e Plantas Usuais dos Brasileiros



Caderno de coleta de
A. Saint-Hilaire,
“N.V. Sandaia ou
Sambaiba”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos farmacológicos evidenciaram as atividades anti-hipertensiva, antimicrobiana e antiulcerogênica das folhas da planta.

Hiruma-Lima e cols. J. Ethnopharmacol. (2009) 121(3): 425-32.

Costa e cols. Phytother Res. (2008) 22(5): 705-7.

Guerrero e cols. J. Ethnopharmacol. (2002) 80(1): 37-42.

SAMBAIBINHA

Nomes Científicos: *Davilla rugosa* Poir., *Davilla elliptica* A. St.-Hil.

Família: DILLENIACEAE

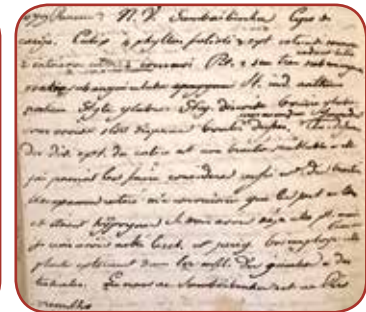
Outros nomes populares: cipó-de-carijó, çambaibinha, cipó-de-caboclo

“Já havia sido reconhecido que as Dilleniáceas eram adstringentes. O sabor azedo de *Davilla rugosa* é prova de que ela participa da adstringência das plantas da família à qual ela pertence e os brasileiros fazem dessa propriedade um feliz uso, pois empregam a planta em questão para curar inchaço das pernas e dos testículos, doença tão comum nas partes quentes e úmidas de seu país. É sobretudo em compressas que eles costumam usar a *Davilla rugosa*.”

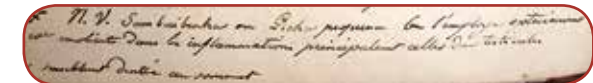
A. de Saint-Hilaire
Plantas Usuais dos Brasileiros, 1824



D. rugosa, Ibertioga e Plantas Usuais dos Brasileiros



À esquerda, amostra tipo MNHN Paris; abaixo e à direita, caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “N.V. Sambaibinha”



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos de *D. elliptica* demonstraram atividade analgésica e antimicrobiana, especialmente contra as micobactérias. A *D. rugosa* apresentou atividade antioxidante, adaptogênica e antiúlcera gástrica.

Nishijima e cols Int J Mol Sci (2015) 16(6): 12454-66

Mendes e cols. Phytother Res. (2007) 21(6): 517-522.

Lopes e cols. Mem Inst Oswaldo Cruz (2007)102(6): 769-772.

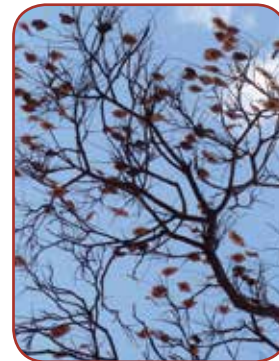
SUCUPIRA-BRANCA

Nomes Científicos: *Pterodon emarginatus* Vogel

Família: FABACEAE – FABOIDEAE

“JAGUARA. Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira.”

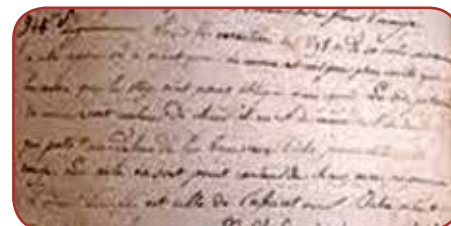
R. Burton
Viagem de Canoa de Sabará ao
Oceano Atlântico, 1869



P. emarginatus, São João das Missões



Sementes comercializadas



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire “N.V.
Sucupira branca ou faveira”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

As sementes da planta têm efeito confirmado como antiulcerogênica, antiinflamatória e antioxidante.

Negri e cols Phytomedicine (2014) 21(8-9): 1062-9.

Dutra e cols. J Pharm Pharmacol. (2009) 61(2): 243-50.

SUCUPIRA-PRETA

Nome Científico: *Bowdichia virgilioides* Kunth

Família: FABACEAE - FABOIDEAE

“OS CAMPOS. Os cerrados consistem de árvores de uns 3 a 6 metros de altura, parecidas com nossas aveleiras e macieiras, e com as oliveiras do sul da Europa, e são, em geral, acácias e outras leguminosas. Tais são, por exemplo, o jacarandá-do-campo, uma Mimosácea, cuja madeira não é muito apreciada; a sucupira* (*Bowdichia major*), madeira muito reta e dura, usada para eixos de roda; o angico (*Acacia angico*), que produz cachu, e o barbatimão ou barba-de-timão (*Acacia adstringens*, Velloso) de pequenas folhas, cuja casca é adstringente e rica em ácido tânico, e cujas folhas servem de alimento à cantárida.”

*O nome é pronunciado de várias maneiras. De acordo com o Sist., é rico em estricina (princípio adstringente) e muito usado na medicina caseira.”



B. virgilioides, Cidade de Goiás



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Extratos da planta mostraram ser eficazes na prevenção de stress oxidativo, como antiinflamatório e cicatrizante.

Santos e cols J Int Soc Sports Nutr (2014) 11(1): 58

Agra e cols An Acad Bras Cienc (2013) 85(3): 945-54

TINGUI

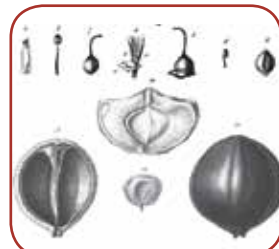
Nome Científico: *Magonia pubescens*
A.St.-Hil.
Família: SAPINDACEAE

“Nossa visita seguinte foi às pequenas lagoas e às vastas formações de pedra calcária a noroeste da fazenda. Passamos por um antigo serviço de mineração, um corte aberto de onde já foi tirado muito ouro pelos antigos. Dali seguimos por um campo manchado aqui de solo rico e vermelho, ali branco de saibro. Não faltavam, também, bons pastos, e o gado da fazenda foi avaliado, segundo me informaram, em £4.000. A vegetação era a dos campos de perto de Barbacena, sendo as árvores o muito retorcido barbatimão, o pataro, grão-de-galo, piqui, tingui e sucupira.”

R. Burton
Viagem do Rio de Janeiro
a Morro Velho, 1869



M. pubescens, Lassance



História das plantas mais notáveis do Brasil e do Paraguai, 1824



Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, “Pau de Tingui”

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Estudos in vitro confirmaram a ação da planta como antioxidante e ictiotóxica.
Lemos e cols. *Fitoterapia* (2006) 77(6), 443-445

URUCUM

Nomes Científicos: *Bixa orellana* L.
Família: BIXACEAE

Outro nome popular: urucu

“OS BOTOCUDOS. O JÊQUITINHONHA. É com o urucú que os Botocudos se pintam de vermelho, e, com o fruto do genipapeiro tingem-se de negro. As mulheres e os jovens parecem ter muito prazer em lambuzar o corpo. Uns não tem mais que um mosqueado, outros, placas irregulares, outros, faixas que se estendem em vários sentidos; enfim, vi alguns que tinham pintado de urucú toda a parte superior do rosto até o meio das faces.”

A. de Saint-Hiaire
Viagens pelas províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, 1830



B. orellana, Arantina



DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

O corante natural obtido do urucum é composto por carotenoides e possui atividade antígenotóxica, antimutagênica e antioxidante.

Oliveira e cols *Mutat Res Genet Toxicol Environ Mutagen* (2014) 759: 37-42

Shams e cols. *Bull Nat Res Cent.* (2006) 31(5): 385-397.

VERBASCO

Nome Científico: *Buddleja stachyoides* Cham. & Schltl.

Sinônimo: *Buddleja brasiliensis* Jacq. ex Spreng.

Família: SCROPHULARIACEAE

Outro nome popular: barbasco



B. stachyoides, Reserva Ecológica do Tripuí, Ouro Preto



À esquerda, MNHN Paris; abaixo, Caderno de coleta de A. Saint-Hilaire, "N. Vulg. Verbasco sylvestre"



"Certas plantas fazem constantemente a sua aparição em terra recentemente desbravada nesta região do país, tais como *Buddleja brasiliensis*, *Phytolacca decandra*, *Scoparia dulcis*, e diversas espécies de *Solanum* e *Hyptis*. (...) Outras plantas muito comum nas beiras das estradas são a *Sida carpinifolia*, outra parecida com uma *Spermacoce* (*Iriodon glomeratus*, De Cand.) um arbusto baixo, ramalhudo e frondoso, de folhas pequenas, brotando em tufo de flores minúsculas. *Mimosa sensitiva* é, do mesmo modo, abundante nesse trato da região, formando, em alguns lugares, matas de considerável extensão."

C.J.F. Bunburry

Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, 1833-1835

DADOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS

Não foram encontrados estudos farmacológicos recentes sobre esta planta.

GLOSSÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS

Abcessos – Área inflamada dolorida com formação de pus
Acetogeninas – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
Adaptogênica – Que melhora as funções normais do organismo
Adstringente – Contraí os tecidos da pele e lhes dá firmeza
Alcaloides – Classe de substâncias naturais com diversos efeitos biológicos
Analgésico – Que diminui a dor
Antifúngico – Contra fungos
Antigenotóxica – Que impede danos no DNA
Antihipertensiva – Contra a hipertensão
Antiinflamatória – Contra a inflamação
Antimalárica – Combate a malária
Antimicrobiana – Contra os microorganismo
Antimutagênico – Que impede danos no DNA
Antioxidante – Combate os radicais livres
Antiparasitária – Contra os parasitas
Antisifilítica – Combate a sífilis
Antitumoral – Combate o crescimento de tumores
Antiulcerogênica – Contra a formação e evolução de úlceras
Antiviral – Contra os vírus
Antracênico – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
Apoptose – Morte celular programada
Bactericida – Que elimina as bactérias
Carotenoides – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos
Citotóxica – Causa danos às células
Decocção – Cozimento
Edulcorante – Mascara o sabor desagradável de outras substâncias
Emética – Que causa vômitos
Emoliente – Substância que amacia e acalma a pele
Epispáticos – Que irrita a pele
Febrífugo – Que diminui a febre
Flavonoides – Classe de substâncias naturais com efeitos biológicos

Fungicida – Substância que elimina os fungos
Genotóxico – Causa danos ao DNA
Hidropsia – Edema; inchaço resultante do acúmulo de líquido
Hipoglicêmico – Que reduz a taxa de glicose no sangue
Hipotensora – Abaixa a pressão arterial
Ictiotóxica – Tóxica para peixes
Micobactéria – Microorganismos causadores de tuberculose
Mutagênese – Processo que leva a danos no DNA
Peroxidação lipídica – Processo envolvendo radicais livres que causa danos às células
Polifenóis – Classe de substâncias naturais com diversos efeitos biológicos
Saponinas – Classe de substâncias naturais que produz efeitos tensoativos
Sesquiterpeno – Classe de substâncias naturais que compõe os aromas das plantas
Sucedâneo – Planta que recebe o mesmo nome de outra comprovada cientificamente
Taninos – Classe de substâncias naturais que produz adstringência

◆ ◆ ◆ ÍNDICE REMISSIVO

Abati-timbahy- 63
 Acaju - 37
Achyrocline satureioides - 67
 Açoita-cavalo - 20
Acrocomia sclerocarpa - 66
 Alcaçuz - 21
 Alcanfora - 87
 Alecrim-do-campo - 22
 Algodãozinho-do-campo - 23
 Ambaitinga - 52
 Ambaúva - 52
Anacardium humile - 38
Anacardium occidentale - 37
Anadenanthera colubrina - 24
 Ananás - 77
 Andaaçu - 47
 Anda-açu - 47
 Andaiaçu - 47
 Angico - 24
 Anil - 58
 Anileira - 58
 Annona - 25
 Araticum - 25
 Araucária - 90
Araucaria angustifolia - 90
 Aristolochia - 62
 Arnica - 26
 Aroeira - 27
 Árvore-da-batata - 65
 Árvore-da-preguiça - 52
 Árvore-de-paina - 77
 Assa-peixe - 28
 Azedinha - 30
Baccharis dracunculifolia - 22
Baccharis genistelloides - 43
Baccharis trimera - 43
 Barba-de-timão - 31
 Barbasco - 106
 Barbatimão - 31
Bauhinia forficata - 80

Bignonia - 32
Bignonia venusta - 32
 Bixa orellana - 105
 Bority - 33
 Bromelia - 76
 Bruti - 33
Buddleja brasiliensis - 106
Buddleja stachyoides - 106
 Buriti - 33
 Butua - 34
 Butua-do-curvo - 23
Byrsonima - 73
 Caapeba - 34, 40
 Caapiá - 41
 Caá-piá-de-pisão - 41
 Cagaiteira - 35
 Caiapiá - 41
 Cainca - 36
 Caju - 37
 Caju-do-campo - 38
 Cajueiro - 37
 Cajuzinho-do-campo - 38
 Camará - 45
 Camara-de-bilro - 84
 Camara-do-mato - 84
Campomanesia pubescens - 55
 Candeia - 26
 Canela-de-ema - 39
 Canudo-amargoso - 84
 Capeba - 40
 Capicuru - 27
 Capitão-do-mato - 45
 Carapiá - 41
 Caroba - 42
 Carqueja - 43
 Carqueja-amarga - 43
 Carqueja-amargosa - 43
Caryocar brasiliense - 88
 Casca-d'anta - 44
 Casca-de-anta - 44

Cassaú - 62
 Cecropia - 52
Ceiba speciosa - 77
Cephaelis ipecacuanha - 59
 Chá-de-frade - 45
 Chá-de-pedestre - 45
 Chá-falso - 45
Chiococca alba - 36
Chondrodendron platyphyllum - 34
 Cipó-cruz - 36
 Cipó-de-caboclo - 101
 Cipó-de-carijó - 101
 Cipó-de-mil-homens - 102
 Cipó-de-São-João - 32
Cissampelos ovalifolia - 75
Cochlospermum regium - 23
 Coco-de-catarro - 66
 Coco-de-purga - 47
 Cocolera - 87
 Colher-de-vaqueiro - 48
 Congonha - 71
 Contra-erva - 41
 Copaíba - 49
Copaifera - 61,49
 Copaíba - 49
 Corneiba - 27
Croton antisiphiliticus - 87
Croton perdicipes - 87
 Cruzadinha - 36
Curatella americana - 38,107
 Curraleira - 87
 Cutieira - 47
Davilla elliptica - 101
Davilla rugosa - 101
 Dorstenia - 41
 Douradinha-do-campo - 50
 Drosera - 51
Drimys granatensis - 44
Drimys winteri - 44
 Embaúba - 52

Embira - 52, 89
 Erva mular - 87
 Erva-de-bicho - 53
 Erva-do-Paraguai - 71
 Erva-mate - 71
Erythrina corallodendron - 72
Eugenia dysenterica - 35
Eugenia uniflora - 91
 Fedegoso - 54
 Fedegoso-do-mato - 54
 Flor-de-quaresma - 94
 Folha larga - 48
 Folha-santa - 85
 Forquilha - 84
 Frero - 30
 Fruta-de-arara - 47
 Fruta-do-lobo - 65,73
 Gabiroba - 55
 Gajamarioba - 54
Geissospermum laeve - 84
 Gervão - 56
 Goiaba - 57
 Goiabeira - 57
Gomphrena officinalis - 79
 Gravatá - 76
 Gritadeira - 50
 Guaiaba - 57
Guazuma ulmifolia - 57,74
 Guiné - 73
Hancornia speciosa - 57,69
Herreria salsaparrilha - 99
Himatanthus obovatus - 81
Hortia brasiliana - 83
Hymenaea courbaril - 63
Ilex paraguariensis - 61, 71
 Imbaíba - 52
 Imbaúba - 52
 Indaiá-açu - 47
 Indaiaçú - 47
 Índigo - 60
Indigofera suffruticosa - 58
 Inhapecanga - 61
 Ipecacuanha - 93,21,49,60,62
 Ipécea-goente - 60
 Ipê-roxo - 59

Jacaranda caroba - 42
 Japecanga - 61
 Japicanga - 61
 Japi-canga - 61
 Jarbão - 56
 Jarrinha - 62
 Jatahy - 63
 Jataí - 63
 Jataí-uva - 63
 Jatobá - 63
 Jetahy - 63
 Jetaí - 63
 Jetaiba - 63
Joannesia princeps - 47
 Juapecanga - 61
Kielmeyera rosea - 97
Kielmeyera speciosa - 85
 Lippia - 45
 Lixeira - 38
 Lobeira - 69
Luehea grandiflora - 20
Lychnophora pinaster - 26
 Macaúba - 66
 Macela-do-campo - 67
Magonia pubescens - 104
 Malva-diurética - 68
 Malva-do-campo - 68, 85, 97
 Mangaba - 69
 Mangabeira - 69
 Maracujá-de-estralo - 70
 Maracujá-grande - 70
 Mate - 61, 62, 71
Mauritia flexuosa - 33
Mauritia vinifera - 33, 57
 Melancia-do-campo - 76
Melancium - 76
 Mil-homens - 54, 62
 Mororó-dos-índios - 80
 Motamba - 74
 Mucajá - 66
 Mulungu - 72
 Murici - 33, 57, 73
 Muricky - 33
 Mutamba - 74
 Mutombo - 74

Orelha-de-onça - 75
 Orgibão - 56
Oxalis cordata - 30
 Paineira - 48, 77
Palicourea rigida - 50
 Palmeira-buriti - 33
 Palmeira-macaúba - 66
 Páo-pereira - 84
 Para-todo - 79
 Paratudo - 79
 Para-tudo - 79
 Pariparoba - 40
Passiflora alata - 70
Passiflora foetida - 70
 Pata-de-vaca - 80
 Pau-d'óleo - 49
 Pau-Brasil - 85
 Pau-d'arco - 59
 Pau-de-arara - 48
 Pau-de-dente - 84
 Pau-de-leite - 86, 81
 Pau-de-óleo - 49
 Pau-de-pinhão - 85
 Pau-paratudo - 83
 Pau-pereira - 84
 Pau-santo - 85
 Pau-terra - 86
 Pavonia - 68
 Pé-de-perdiz - 87
 Pequi - 88
 Pequizeiro - 88
Periandra mediterranea - 21
 Periparoba - 40
 Perpétua - 79
 Piã - 41
 Pimenta-de-macaco - 89
 Pindaíba - 89
 Pinguaciba - 84
 Pinhão - 85
 Pinheiro - 90
 Pinheiro-Brasileiro - 90
 Pinheiro-do-Brasil - 90
 Pinheiro-do-Paraná - 90
Piper umbellatum - 41

Piqui - 88
Pitanga - 91
Pitangueira - 91
Pitomba - 92
Pitombeira - 92
Poaia - 60
Poaia-branca - 93
Poaia-do-campo - 93
Poaya - 60
Poaya-da-botica - 60
Poaya-do-mato - 60
Polygonun hydropiperoides - 53
Pothomorphe umbellata - 40
Psidium guajava - 57
Psidium pomiferum - 57
Psychotria ipecacuanha - 60
Pterodon emarginatus - 102
Purga-de-gentio - 47
Purga-dos-paulistas - 47
Pyrostegia venusta - 32
Qualea grandiflora - 86
Quaresmeira - 94
Quina - 83
Quina-da-serra - 96
Quina-de-condaime - 43
Quina-de-medanha - 95
Quina-de-pobre - 84
Quina-de-remijio - 96
Quina-do-campo - 95
Quina-do-cerrado - 95
Quina-do-mato - 96
Quina-do-sertão - 95
Quina-mineira - 96
Quitoco - 54
Raiz-do-padre-salerna - 79
Raiz-fedorenta - 36
Raiz-preta - 36
Remijia ferruginea - 96
Richardsonia scabra - 93
Rosa-do-campo - 97
Rosa-do-mato - 68
Salsa - 99
Salsaparrilha - 61, 99
Salsa-do-campo - 99
Salsa-do-mato - 99

Salvertia convallariodora - 48
Sambaíba - 100
Sambaibinha - 101
Sambaúba - 100
Sandaia - 100
Sapindus saponaria
Schinus terebinthifolius - 27
Scoparia dulcis - 106
Senna occidentalis - 54
Smilax - 61
Solanum lycocarpum - 65
Solidago - 26
Stachytarpheta jamaicensis - 56
Strychnos pseudoquina - 95
Stryphnodendron adstringens - 31
Sucupira - 103
Sucupira-branca - 102
Tabebuia impetiginosa - 59
Talisia esculenta - 92
Tiborna - 81
Tibouchina granulosa - 94
Tingui - 104
Trevo - 30
Tririquim - 54
Tupinico - 27
Ubá-assú - 84
Umbaúba - 52
Unha-de-vaca - 80
Urgevão - 56
Urucu - 105
Urucum - 105
Vellozia - 39
Verbasco - 106
Vernonia polyanthes - 28
Xylopia aromatica - 89
Xylopia sericea - 89

Trabalho foi composto em Calibri,
impresso em papel couché fosco, na Gráfica e Editora
O Lutador, 2015